



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**Morgana de Medeiros Farias**

***CAÇADAS DE PEDRINHO*, DE MONTEIRO LOBATO: O  
CONTEXTO RACIAL QUE PERMEIA A OBRA**

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

**MORGANA DE MEDEIROS FARIAS**

***CAÇADAS DE PEDRINHO, DE MONTEIRO LOBATO: O  
CONTEXTO RACIAL QUE PERMEIA A OBRA***

Monografia apresentada à Universidade Federal de  
Campina Grande, como parte dos requisitos para obtenção  
do título de Licenciatura em Letras, sob a orientação do  
Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

CAMPINA GRANDE-PB

2014

**Morgana de Medeiros Farias**

***CAÇADAS DE PEDRINHO, DE MONTEIRO LOBATO: O  
CONTEXTO RACIAL QUE PERMEIA A OBRA***

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves - UFCG

---

Prof. Me. José Mário da Silva - UFCG

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pelos caminhos que me levaram à UFCG e pela permissão tão bondosa e cheia de tantos ensinamentos que me fez transpor até aqui.

Aos meus pais por cuidarem de mim durante toda a minha caminhada.

Aos meus avós maternos por serem o espelho mais fiel do amor verdadeiro.

À minha tia Terezinha Medeiros por confiar em mim mais do que eu mesma.

Aos amigos e familiares pelo simples fato de existirem.

À minha irmãzinha Pietra por me ensinar na prática o que é o mundo da fantasia.

Ao meu noivo por abstrair minhas chateações.

A Hélder Pinheiro, meu orientador, por todas as proveitosas discussões travadas nos nossos momentos de estudo; a Zé Mário por transpor toda sua doçura à literatura que nos ensina; à Márcia Tavares por compartilhar comigo seus conhecimentos lobatianos e aos demais professores da Unidade Acadêmica de Letras por todo aprendizado oferecido.

Aos meus amigos de Letras, em especial Rafael Ronkally, Carlos Magno, Alessandra Souza, Monaliza Irineu, Thaises Dutra, Ademária Sales, Ana Cristina Falcão e Luziano Paizinho por fazerem valer a minha graduação, pelas descontrações e por me mostrarem o quão venturoso é encontrar afáveis e fiéis amizades.

A Marciano pelos momentos de risada que permanecerão guardados em minha memória e a Valdemar pela presteza e carinho de sempre.

A todos que, mesmo não sendo do meu conhecimento, emanam boas energias que chegam até mim.

O mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação é tão real quanto as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar do que acreditavam.

(Monteiro Lobato)

## RESUMO

As observações voltadas à obra infantil de Monteiro Lobato com ênfase na questão racial perduram há algum tempo. Neste estudo objetivamos adentrar a obra lobatiana tendo como elemento central o livro *Caçadas de Pedrinho* (2011). Buscamos, nesta produção, analisar as passagens que são consideradas racistas e interpretá-las do ponto de vista do momento de produção do autor. Vale ressaltar que esse tema não será considerado isoladamente, pois não é o único presente nas narrativas. Em consonância com ele teremos contato com outros como a fantasia, que é o que norteia toda a obra. Para tanto, partimos das leituras temáticas de Schwarcz (1993) e Valente (1994) para contextualizar os momentos que marcam a escravidão no Brasil e o momento em que Lobato viveu, na época do Império, pouco tempo depois da abolição da escravatura. Held (1980) contribui significativamente com os temas relacionados à fantasia, que está sempre presente. Penteado (2011) faz um estudo temático aprofundado de toda a obra infantil lobatiana e contribui com a caracterização delas. Belinky (1982), Corredor (2007), Lajolo (1998), Mussa (2008), Pereira (2010) e Silva (1995) cooperam com a discussão temática sobre racismo e a sua ligação com o livro de Lobato. Trata-se de um estudo analítico e interpretativo que parte da leitura integral, não só da obra em questão, mas de muitas outras da literatura infantil do referido autor, para que possamos emitir um juízo de valor equilibrado. Serão observadas as posturas de cada personagem em relação à personagem negra Tia Nastácia e, em contrapartida, a sua atitude em relação aos demais. Por fim, constatamos que muitas posturas adotadas em relação à raça na obra *Caçadas de Pedrinho* são advindas do período em que foi escrita. Era um momento de tensão, onde a figura do negro não era levada em consideração e toda a raça não era sequer vista como de seres humanos. Há expressões, como o tratamento “sinhá”, que fazem parte desta leitura, que saíram genuinamente da sociedade escravocrata. Então, entre outros, estes elementos orientaram expressivamente este trabalho.

**Palavras-chave:** Discussão Racial; Fantasia; *Caçadas de Pedrinho*; Monteiro Lobato.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
-------------------------	-----------

### **CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO**

1.1 Temário .....	11
1.1.1 Fantasia .....	11
1.1.2 Religião e Folclore .....	15
1.1.3 Casamento e divórcio .....	20
1.1.4 A representação da mulher .....	23
1.1.5 Povos e tipos de governo .....	25
1.1.6 Lições de vida na narrativa infantil .....	28
1.2 Personagens .....	29

### **CAPÍTULO 2 – DISCUSSÃO SOBRE O CONTEXTO SOCIAL**

2.1 Conceito e história do racismo no Brasil .....	33
2.2 Discussão: conselho nacional de educação .....	36
2.3 <i>Caçadas de Pedrinho</i> : enredo .....	38
2.4 Análise dos fragmentos .....	40
2.5 A presença dos bichos na narrativa .....	48

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
-----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>55</b>
---	-----------

## INTRODUÇÃO

De acordo com Coelho (2000), as primeiras manifestações relacionadas à literatura infantil surgiram no século XVIII, quando as crianças passaram a ser vistas de acordo com a sua verdadeira condição: de meninos e meninas. Anteriormente, não havia uma literatura específica para esse público, elas participavam das rodas de conversa e da vida social adulta, utilizando, dessa forma, a literatura dos mesmos. Essa foi uma grande conquista para o público infantil, que passou a ter produções destinadas a eles e com um olhar sensível às suas existências. Muitos nomes de escritores infantis ficaram guardados em nossas memórias e, aqui no Brasil, o autor mais afamado de literatura infantil é José Renato Monteiro Lobato, que presenteou as crianças com a obra completa do Sítio do Picapau Amarelo. O escritor nasceu em Taubaté, no estado de São Paulo, ao ano de 1882.

Monteiro Lobato escreveu para crianças e mostrou-lhes a fantasia presente em florestas encantadas, animais falantes, faz-de-conta e pó de pirlimpimpim que eram capazes de fazer qualquer coisa e levar as crianças do Sítio a qualquer lugar. É através da contribuição de Held (1980) que teceremos comentários acerca da fantasia presente nas narrativas. As obras de Lobato receberam grande destaque e foram consideradas nacionalistas, pois retratam histórias que se passam no Brasil, em vilarejos, e mostram a população do Vale do Paraíba que sofria com a crise no sistema cafeeiro. O autor pautou sua obra infantil em ideologias bem marcadas que ele nutriu ao longo de sua vida. A liberdade feminina, o progresso nacional, casamento e divórcio, malcriações infantis, tudo isso está presente em seus escritos.

Há tempos retomaram as discussões a respeito das temáticas presentes nos livros de Lobato. Tratava-se da possibilidade de haver conteúdo racista em sua obra. Questionou-se o fato da personagem negra Tia Nastácia ser vista sempre como inferior pelos demais personagens. Havia também o fato de sua cor estar sempre em evidência. Passagens como “macaca de carvão”, presentes no livro *Caçadas de Pedrinho*, intrigaram muitos historiadores, antropólogos e até mesmo certos leitores. Chegaram a cogitar a possibilidade de retirarem esta obra das bibliotecas.

Tudo começou em 30 de junho de 2010, quando foi protocolado no Conselho Nacional de Educação (CNE), um ofício relativo ao processo formalizado mediante denúncia do senhor Antônio Gomes da Costa Neto, Técnico em Gestão Educacional e estudante de Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude. O autor do ofício pautou a reclamação na lei antirracista brasileira e pediu a retirada da obra de Lobato das escolas do Distrito Federal. O parecer da relatora Nilma Lino Gomes, que acatava a permanência da obra



nas escolas, foi aprovado por unanimidade na Câmara de Educação Básica, o que permitiu que *Caçadas de Pedrinho* continuasse em circulação, mas com uma ressalva: os professores deveriam ter cautela na hora de explorá-la, devido ao contexto racial, histórico e social presente.

*Caçadas de Pedrinho* será interpretada através dos vieses da discussão racial e da fantasia. Dessa forma, debateremos esses dois conceitos concomitantemente, já que, mesmo que o livro apresentasse conflitos raciais, isso não diminuiria a beleza que permeia essa leitura. Os personagens do Sítio são criativos e nesta obra se estimula o gosto pelo conhecimento através de um mundo infantil muito convidativo. Lobato incita as crianças a terem pensamentos independentes, o que as distancia de pensamentos de massa. O mundo fantástico do Sítio ainda encanta várias gerações.

O livro foi escrito em 1933, pouco tempo após a abolição da escravidão, que ocorreu em 1888, o que permite que o analisemos através de uma conjuntura política e social mais abrangente. Não poderíamos nos esquecer de exaltar sempre o modo de abordagem da fantasia, pois, como já foi dito, é o que norteia todos os escritos infantis do autor. Algumas das questões de pesquisa que proporemos no decorrer do estudo são justamente em relação a essa temática: as crianças perceberiam o conflito racial presente na obra mesmo em meio a tantos elementos fantásticos? O tema racial está mesmo tão evidente nessas produções? Na ocasião da leitura em que se vê a abordagem fantástica, as dificuldades deixam de ser vistas, mesmo que momentaneamente.

Deste modo, com o que foi relatado, este trabalho tem por objetivo examinar como se dá a presença da matéria racial na narrativa supracitada. Iremos contextualizar o momento em que a obra foi produzida, interpretar a relação existente entre os personagens brancos e negros, discutir a presença ou não do racismo na obra e analisar os tratamentos destinados a Tia Nastácia. Para isso, se fazem necessárias muitas leituras que tratam do racismo e outras que debatem a preferência racial do autor. Schwarcz (1993) e Valente (1994) estão entre as bibliografias que contribuirão com este estudo.

É importante a presença do equilíbrio entre essas constatações, porque qualquer defesa ferrenha pode arriscar a conclusão apropriada do trabalho. Precisa-se voltar ao momento onde tudo começou para tentar compreender no que acreditava Monteiro Lobato nos seus momentos de criação. Em que teorias ele se pautava, que aspectos influenciaram os seus escritos e qual era o seu contexto social? São perguntas que nos dispomos a responder.

Esta pesquisa nasce da inquietação proveniente da denúncia feita a respeito dos escritos de Lobato, que tanto alegraram e alegam os dias de muitos pequenos. É uma forma

de, antes de culpar, conseguirmos compreender o que ocorre. Não se concebe a privação de literatura tão valiosa às crianças. Todas as pessoas merecem conhecer Emília, Pedrinho, Narizinho, Dona Benta, Tia Nastácia, Visconde, Rabicó e todos os outros que passam pelo Sítio do Picapau Amarelo.

O estudo é dividido em dois capítulos. O primeiro apresenta a obra do autor, os temas escolhidos por ele, os principais enredos e os personagens que moram no Sítio. O segundo parte para a análise de *Caçadas de Pedrinho*. Através da leitura da obra, separamos vários trechos que podem ser considerados ofensivos à Tia Nastácia e o separamos para serem analisados. Abordaremos a discussão feita através do Conselho Nacional de Educação e o seu desfecho. Simultaneamente a isso, apresentaremos outras passagens fantásticas, com a presença de bichos, que certamente interessam aos pequenos. É através desse paralelo, entre fantasia e discussão racial, que a pesquisa ocorre.

Exporemos uma pesquisa de caráter bibliográfico e interpretativo que conta com o conhecimento externo no tocante ao referido autor e suas respectivas obras. Combinaremos a pesquisa com explicações teóricas sobre os dois eixos-chave: racismo e fantasia. Para isso, no processo de análise do *corpus*, muitas passagens das obras alusivas ao Sítio do Picapau Amarelo serão exploradas para alcançarmos a compreensão geral das narrativas de acordo com os temas propostos.

## **CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO**

### **1.1 TEMÁRIO**

Os temas que compõem as narrativas ambientadas no Sítio do Picapau Amarelo são os mais diversos possíveis. Eles induzem os leitores a quererem ler cada vez mais devido à alta dose de encantamento que se encontra no passar das páginas. Sempre contando com muita fantasia, se fala sobre o comportamento das crianças, suas aventuras pelo mundo afora, contos de fadas, ciência, caçadas, matemática, geografia, invenções, religião, o papel da mulher, folclore brasileiro, natureza, entre tantas outras coisas. Veremos que esses temas são abordados de modo que se inicie na criança a construção do senso crítico.

Muitos temas são voltados à aprendizagem, esta que se mostra de uma forma madura. Não estamos falando de aprendizado pueril, de “gotas” de conhecimento que só interessam aos pequenos, pelo contrário, vemos com o passar das páginas assuntos que podem ser muito interessantes também aos olhos dos adultos. Através da obra lobatiana, a máxima de que se pode aprender brincando é uma realidade. No Sítio há lugar para tudo aquilo que se queira fazer, pois não existem barreiras intransponíveis entre o real e o imaginário, é só questão de querer realizar o que se deseja.

Serão demonstrados a seguir alguns temas a fim de tornar possível uma maior compreensão do universo que faz parte da obra infantil de Monteiro Lobato. As obras foram escolhidas levando em consideração a preponderância do seu conteúdo fantástico. Veremos como, um tema após o outro, é importante para a formação crítico-reflexiva das crianças e, também, na sua constituição como leitores assíduos. É adentrando a realidade infantil, ao que eles acham fascinante, ao que lhes prende a atenção, que podemos ter meios de ofertar aos pequenos uma leitura prazerosa. Vejamos a seguir quais seriam os temas mais ligados à ideologia suscitada pelo “pai do faz de conta”.

#### **1.1.1 Fantasia**

Como eixo norteador dos livros de Lobato, a fantasia não poderia deixar de ser o primeiro tema a ser abordado. O mundo fantástico do Sítio do Picapau Amarelo é de causar cobiça. Os netos de Dona Benta são capazes das mais variadas aventuras, vencendo barreiras, monstros e o que mais vier pela frente. Lá, tudo acontece como num faz de conta, basta fechar

os olhos e realizar o seu desejo. O aspecto fantástico que mais nos salta aos olhos é o fato de os animais e o seres inanimados de uma hora para outra poderem falar.

No Sítio é comum encontrarmos porco, burro, boneca de pano, espiga de milho, boneco de madeira, peixes, crustáceos, rinoceronte e tudo quanto mais houver de bichos falantes. Nas terras de Dona Benta o irreal é perfeitamente cabível e, mais do que isso, comum. Além de todos esses habitantes, ainda contamos com a Cuca, o Saci-Pererê, o Curupira e tantos outros personagens do nosso folclore que vêm para enriquecer ainda mais essas narrativas. Tudo isso representa um leque de temas capaz de transpor as crianças a ambientes até então inatingíveis.

Vale ressaltar que aqui a fantasia não possui um caráter alienante, mas, avesso a isso, possibilita a revelação da realidade. O pseudo-imaginário, com função de esquecimento, não se faz presente nessas obras. A imaginação, assim como a inteligência, deve ser provocada, colocada em exercício, já que sem esses mecanismos de conservação, ambas atrofiam, se tornam mínimas. É esse um dos intuitos da obra lobatiana, proporcionar essa sensação de bem-estar aos nossos meninos e meninas, deixar com que eles sonhem, planejem, vivam.

O fantástico como lado subjetivo da vida, se contrapõe ao real, o lado objetivo. Desse modo, a fantasia pode surgir da nossa necessidade, da vontade de se transpor a outro mundo, que seja desconhecido, que nos proporcione boas e novas sensações. Não só as crianças que fantasiam, os adultos também. Quem nunca se pegou sonhando de olhos abertos, imaginando coisas consideradas inatingíveis, mas que, por um momento, poderiam causar imensa felicidade? O mundo adulto, embora se mostre mais sério, também possui uma série de aspirações, de desejos, muitos deles fantasiosos.

Assim, a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e – resumindo tudo isso – transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência. (HELD, 1980, p. 25).

Mudar as coisas do mundo ao modo de cada indivíduo verdadeiramente faz parte das aspirações humanas. O fantástico perdura quando confrontado com uma realidade não fantástica, esta última serve de parâmetro para o primeiro. A fantasia sobrevive devido à existência do real. Monteiro Lobato criou um ambiente físico normal, realista, porém incrementado com situações irreais. Através daquilo que existe surgiu um universo fantástico, onde tudo pode acontecer. Quem imaginaria que em um sítio pacato, habitado por duas

senhoras e duas crianças haveria espaço para um cenário completamente incomum? Lobato é capaz de nos proporcionar essas surpresas através dos seus escritos. Held (1980) nos esclarece que

Também o fantástico “puro”, isto é, saído do nada, não enraizado na rotina dos dias, nos costumes, na tradição de um povo, de uma região, de uma classe social ou de uma família, se revelaria talvez como puramente mítico e pulverizado por uma análise muito informada. Uma história fantástica de maneira alguma nos interessaria se não nos ensinasse algo sobre a vida dos povos e dos seres, reunindo, assim, nossas preocupações e nossos problemas. (p. 30).

Como foi citado, o fantástico, por si só, sem nenhuma aparência com o real não seria capaz de prender a atenção do público infantil, pois é necessário que exista um elo entre esses dois períodos. A fantasia com um fim em si mesma deixa de reunir conhecimentos importantes que podem vir vinculados a ela. Fantástico e real, juntos, contribuem com a formação crítica infantil. No Sítio do Picapau Amarelo nada é puramente real, nem puramente fantasioso, há essa ligação indispensável entre as duas coisas, o que faz com que a leitura seja rica e prazerosa.

Na obra *O Picapau Amarelo* ocorre o marco da fantasia, que é quando todos os personagens dos contos de fadas se mudam para o Sítio. Dona Benta, preocupada em acomodar toda essa gente, compra fazendas vizinhas à sua para que eles construam seus castelos e vivam por lá. Com a mudança, houve muitos impasses, inclusive por causa de Peter Pan, que trouxe o mar dos piratas para as terras. Ao vê-lo nervoso, Pedrinho pergunta o que houve e então ele dispara: “- Uma desgraça, Pedrinho – disse por fim. – Imagine que eu estava arrumando nas Terras Novas o Mar dos Piratas (um pedaço só), quando desmoronou um morro e a água foi alcançar o castelo de Branca de Neve, inundando tudo.” (LOBATO, 2011a, p. 54).

Em *A reforma na natureza*, Emília, juntamente a sua amiga Rãzinha mudam tudo o quanto podem no meio ambiente. A Vaca Mocha, por exemplo, recebe um rabo implantado nas costas e torneiras ao invés das tetas para facilitar a retirada do leite. Além disso, com a ajuda do Visconde, as duas fazem implantes de glândulas de grandes animais em pequenos animais e, conseqüentemente, eles crescem, viram bichos gigantes, que chamam a atenção da humanidade.

No livro *A chave do tamanho*, a mesma boneca – sempre ela –, visando acabar com a Segunda Guerra Mundial, vai até a casa das chaves e, sem querer, vira a chave que muda o

tamanho das pessoas, nesse caso, diminuindo-as. Isso causa um reboliço no mundo, já que todas as pessoas perdem o seu tamanho original e ficam menores do que formigas. Depois de toda bagunça feita por Emília e, conseqüentemente, com o fim da guerra, a boneca, depois de consultar o pessoal do Sítio por meio de um plebiscito, retorna à casa das chaves e coloca a chave do tamanho no seu lugar, fazendo tudo voltar ao normal.

Esses são apenas alguns dos momentos fantásticos que compõem as narrativas do Sítio do Picapau Amarelo. Inúmeras outras passagens podem ser encontradas no decorrer da leitura em qualquer que seja o livro. Não poderíamos, inclusive, deixar de mencionar o famoso pó de pirlimpimpim, capaz de levar quem quer que seja a qualquer lugar do universo. É essa facilidade, em fazer com que tudo flua, que nos aproxima desse tipo de leitura, porque nos ajuda a vislumbrar um universo que não nos pertence, senão na imaginação. É por isso que fantasiar é tão importante para a sobrevivência humana, tanto infantil, quanto adulta.

Na narrativa *Viagem ao Céu*, coisas incríveis acontecem. Ela é dotada de tanta beleza que, por um momento, o leitor se sente passeando junto aos personagens pela Via-Láctea, conversando na lua com São Jorge, brincando com cometas, entre outros. Ao ouvirem as histórias que Dona Benta conta sobre o espaço sideral, Emília, o Burro Conselheiro, Tia Nastácia, Narizinho e Visconde decidem fazer uma longa viagem pelo céu, tendo como transporte o pó de pirlimpimpim. Lá eles desfrutam da fantasia, mas fazem tanta bagunça que os mais importantes cientistas entram em pânico por causa da desordem astral.

Vale ressaltar que esse livro foi escrito no ano de 1932, quando se sabia muito pouco sobre astronomia. Nessa época, as naves espaciais não passavam de ideias espalhafatosas, vistas como um sonho longínquo. Mesmo há tanto tempo e sem tantos estudos a esse respeito, as crianças já sonhavam com a vida em outros planetas, com a descoberta de outros mundos. Como não causar inveja o fato de os meninos do Sítio patinarem nos anéis de Saturno? Pegarem carona na cauda de um cometa, encontrarem um anjinho de asa quebrada? São aventuras que revelam a expressão da liberdade.

A descrição que Narizinho faz do anjo de asa quebrada encontrado por Emília inspira beleza. Chegamos a sentir a leveza daquele serzinho tão lindo, porém indefeso. Vejamos o momento em que Emília encontra o anjinho no espaço sideral e o mostra a Narizinho:

- Corra, Narizinho! Venha ver uma coisa do outro mundo... (...) Narizinho foi se aproximando. Chegou bem perto. Arregalou os olhos e esfregou-os, porque lhe custava acreditar no que seus olhos viam. – Um anjinho, Emília?... – exclamou afinal no maior dos espantos. – Onde descobriu semelhante maravilha? – e acorrou-se diante do anjinho lindo que a boneca tinha no colo. Era um anjinho mesmo! O mais lindo anjinho dos céus, a

maior das galantezas. O rosto parecia feito de pétalas de rosa. Os cabelos em cachos pareciam feitos de fios de luz. (LOBATO, 2011b, p. 77).

O fantástico pode estar localizado entre o real e o irreal, figurando como uma espécie de zona fronteira. Nós não podemos ver, por exemplo, os anjos, mas há muito foi inserido nas nossas mentes o fato de eles existirem. Nesse sentido, os anjos são reais, embora não consigamos vê-los. Para os personagens do Sítio, ver um anjinho é mais do que possível e isso é encantador. Para Held (1980) deve-se saber distinguir a diferença entre mentira e imaginação, pois, por exemplo, quando uma criança conta que viu qualquer coisa estranha na rua, como um moço com chapéu tirolês, ela não tem consciência de estar mentindo. Ela, às vezes, busca fugir de si mesma através da ficção.

As crianças constroem a sua ficção de uma forma consciente, ou seja, elas sabem que é uma ficção, e essa imaginação deve ser alimentada. Quando elas falam com um brinquedo, quando dão vida a eles ou fingem ter animais como macacos, leões ou ursos dentro de casa, isso nada mais é do que um momento seu de fantasia, de drible ao real. É com base nessas constatações que reafirmamos a seriedade dos escritos de Lobato para a infância.

Animais, bonecos e tudo o mais que ganham vida funcionam no imaginário como uma coisa extraordinária, é uma espécie de familiarização com um mundo que já lhe pertence.

Para nós, razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez com mais habilidade, distância. O que supõe, quase sempre possível, mediação do adulto, diálogo. (HELD, 1980, p. 48).

A participação do adulto, especialmente dos pais, na formação do leitor infantil, na implantação do imaginário no seu cotidiano é crucial, pois a criança terá um exemplo próximo de si e buscará copiá-lo. É importante que se mantenha essa ligação entre criança e adulto, bem como a orientação proveniente da leitura. A fantasia deve estar inserida no contexto de vida da garotada já que, como vimos, é um mecanismo de libertação, que em muito auxilia no desenvolvimento intelectual dos pequenos.

### **1.1.2 Religião e Folclore**

Esses dois contornos ideológicos estão muito presentes em várias obras. Podemos encontrar temas relacionados a superstições, ao medo, ao ceticismo e à fé ao longo de várias narrativas. Lobato, à sua época remota, já falava em temas como o espiritismo e o espiritualismo. Conforme afirma Penteadó (2011), Lobato encarou esses assuntos com respeito e dizia que os negros da África teriam contribuído, nesse sentido, quando trouxeram o Candomblé para o Brasil, algo de valor cultural e filosófico. Também encontramos passagens que falam sobre a religião católica, porém, em um contexto de menor importância social.

A respeito do folclore, podemos definir que se trata de um conjunto de lendas e mitos que sobrevivem a cada geração. Muitas dessas histórias são criadas por populares, principalmente os que vivem no interior do nosso país, em zonas rurais. As lendas são transmitidas oralmente e mesclam fatos históricos e reais tidos por muitos como fantasia. Muitas delas procuraram explicar mistérios ou manifestações da natureza. Os mitos existem desde a antiguidade, quando os nossos antepassados buscavam explicação para os acontecimentos e, não encontrando, criavam. Eles também serviam para alertar as pessoas sobre os próprios seres humanos.

A palavra “mito” possui mais de um significado, embora semelhantes. Devido a isso, achamos por bem trazer à tona estes conceitos:

“mi-to *sm.* 1. Relato sobre seres e acontecimentos imaginários, que fala dos primeiros tempos ou de épocas heroicas. 2. Narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo e considerada verdadeira por ele. 3. Ideia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela. 4. Pessoa, fato ou coisa real valorizados pela imaginação popular, pela tradição, etc. 5. *Fig.* Coisa ou pessoa fictícia, irreal fábula.” (FERREIRA, 2001, p. 466).

O mito está ligado à nossa imaginação, são histórias capazes de vencer o esquecimento e perdurar com o passar dos anos. A ideia de mito não está vinculada à ideia de mentira, pois faz parte da cultura dos povos e estes contam determinados acontecimentos como uma forma de manter a tradição do seu lugar. Os mitos fazem parte da memória popular, o que ratifica o seu caráter essencial.

Entre os componentes do folclore brasileiro podemos destacar como mais conhecidos o Saci-Pererê, a Iara Mãe-D’água, a Mula-sem-cabeça, o Lobisomem, o Boitatá, o Curupira, a Caiçora, a Cuca, entre outros. No Sítio do Picapau Amarelo, esses personagens podem ser facilmente encontrados, basta que as crianças saiam pela floresta à procura deles. Com uma



boa dose de coragem, nesse sentido tudo é possível. Falo em coragem porque até Pedrinho, o menino mais corajoso do mundo, treme ao pensar nesses seres encantados.

Vale mencionar que esse dois temas não estão sendo discutidos separadamente porque ambos caminham juntos na narrativa *O Saci*, que é a que mais aborda os dois e é a que mais será vista no decorrer dessa análise de fragmentos. Como primeira amostra da presença da religião católica na narrativa, mostraremos o trecho a seguir.

No terreiro do Sítio em frente à varanda, havia sempre um mastro de São João, que Pedrinho fincava na véspera do dia desse santo, a 24 de junho, quando vinha pelas férias. (...) No topo do mastro colocava a “bandeira de São João”, que era um quadrado de sarrafo espécie de moldura, na qual pregava com tachinhas um retrato de São João menino com um cordeirinho no braço. (LOBATO, 2011c, p. 18).

De acordo com o cristianismo, João Batista era primo de Jesus e foi o predecessor do Messias. Foi ele quem batizou Jesus no rio Jordão e lhe preparou o caminho para a pregação entre o povo. O mastro é elevado durante a festa junina para celebrar os três santos ligados a ela, Santo Antônio, São João e São Pedro. São João é um dos santos mais conhecidos e mais festejados, sobretudo na região do Nordeste brasileiro.

Entre outras relações com o catolicismo, vemos ser citado São Bartolomeu, como santo que tem seu dia comemorado no dia 24 de agosto; vemos a presença da cruz como um mecanismo de proteção contra o mal; a referência ao cheiro de enxofre que o Saci exala, assim como o demônio, segundo as histórias contadas de pai para filho, fazendo, portanto, uma comparação com os dois.

Em *Viagem ao Céu* podemos ver constantemente a presença de São Jorge, um santo capadócio que, diz-se, mora na Lua com o seu cavalo e um dragão. Na viagem das crianças do Sítio ao nosso satélite, Tia Nastácia, do qual é devota, se encontra com ele e cozinha até bolinhos de chuva para o nobre guerreiro, apesar o seu medo constante daquele mundo desconhecido.

A única coisa que Tia Nastácia sabia da lua era que lá morava São Jorge a cavalo, sempre ocupado em espetar na sua lança o dragão. Com São Jorge, que era um santo, ela poderia arranjar-se. Mas que fazer com o dragão? E a pobre negra pôs-se a tremer. (LOBATO, 2011b, p. 34).

São Jorge contou que nascera príncipe da Capadócia e tivera no mundo vida muito agitada. A sua luta contra o poderosíssimo mágico Atanásio ficou histórica. Por fim- fez-se cristão e, em virtude disso, sofreu morte cruel numa das matanças de cristãos ordenadas pelo imperador Diocleciano. Depois da morte, veio morar na Lua. (LOBATO, 2011b, p. 39).

Nesse último fragmento do livro vemos uma referência à morte, mas nada muito comum, pois, não se sabe de ninguém que morreu e foi morar na Lua. Aí, nós vemos a morte apenas como um acontecimento do corpo, não da alma, o que nos abre caminhos a outra doutrina religiosa: o espiritismo. A esse respeito, veremos no livro *O Saci* uma das descrições mais belas feitas pelo Saci a Pedrinho, a respeito da vida após a morte. Vejamos:

Mas o que acontece é o seguinte: dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para frente. Essa força é Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A vida é uma fada invisível. É ela que faz os pernilongos irem picar as pessoas nas casas à noite; e que manda o grilo abrir buracos; e que ensina o bombardeiro a bombardear seus atacantes. (...) – E morrer? Que é morrer? A Vida então acaba, como a gasolina do automóvel? – A Vida muda de um ser para o outro. Quando o ser já está muito velho e escangalhado, a Vida acha que não vale mais a pena continuar lidando com ele e abandona-o. Vai movimentar um novo ser. A fada invisível diverte-se com isso. (...) Essa ideia entristeceu Pedrinho, porque a ideia que não entristece ninguém é bem outra: é a de não morrer nunca, nunca... Conversou a respeito com o Saci. – Ora, ora! – disse este. – O que morre é o corpo só, a parte que em nós tem menos importância. A grande coisa que há em nós, e nos diferencia das pedras e dos paus podres, que é? A Vida. E essa não morre nunca – muda-se de um ser para o outro. (LOBATO, 2011c, p. 41-42).

Como pudemos ver, o cuidado que Lobato tem em falar para as crianças é imenso. A espiritualidade é, sem dúvida, importante para ele, e é, ainda, um tema muito abrangente, o que requer mais estudo, mas ele o aborda de uma forma bonita, encantadora e compreensível. Nesse sentido, constatamos que Monteiro Lobato é, indiscutivelmente, um homem à frente do seu tempo, se levarmos em consideração que a doutrina espírita foi criada em 1857 e tem, portanto, pouco mais de 150 anos de existência. O livro de onde foi retirada a citação acima é datado de 1921, são datas muito próximas. Se ainda hoje o tema é polêmico, imagine à época em questão.

Levada para o lado do folclore, na obra *O Saci* há muito de religiosidade. Por exemplo, o Saci, um moleque muito traquino e arteiro “reza” o milho para que eles não estourem e virem pipoca, “reza” os ovos no galinheiro para que todos gorem; podemos citar também o caso das superstições, pois o perneta gosta muito do número sete. Segundo Penteadó (2011, p. 245), “Personagens de lendas, oriundos do folclore e mesmo de superstições populares, são valorizados e desempenham papéis importantes de diversos episódios da narrativa.” A respeito do Saci, Tio Barnabé, um senhor que mora perto do Sítio de Dona Benta, diz o seguinte:

- O Saci, começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca o seu pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um Saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. (LOBATO, 2011c, p. 21).

Não só o Saci é citado como criatura misteriosa que vive nas florestas. Ele é visto como um demoniozinho, que faz até pequenas maldades com os animais, como bater neles à noite. Depois que Pedrinho fica amigo do Saci, ele lhe mostra todas as outras criaturas que vivem no coração da mata, mas que só aparecem ao final do dia.

A princípio, Pedrinho vê o Curupira, um menino peludo que toma conta das caças nas florestas e só admite que se mate um animal para comer, quem mata por malvadeza, ele persegue sem dó. Depois aparece o Boitatá, um rastro de fogo de olhos enormes que, reza a lenda, ficou assim devido a um longo tempo que passou escondido em um buraco, depois de um dilúvio que houve no Sul do Brasil.

Uma lenda que merece um pouco mais da nossa atenção é a do Negrinho do Pastoreio, um mártir que viveu no Rio Grande do Sul e sofreu muito nas mãos de um senhor de escravos. Após a sua morte ele virou um santinho. Esse senhor ordenava que o negrinho desempenhasse tarefas muito árduas, até o dia em que ele não aguentou e, então, o horripilante homem

Agarrou o negrinho, amarrou-o pelos pés com a ponta do laço e depois de bater nele com o cabo do relho até cansar teve uma ideia diabólica: botá-lo num formigueiro para devorá-lo vivo pelas formigas. (...) No dia seguinte foi ver a vítima, caso o criminoso não estivesse morto e bem morto. Chegando ao formigueiro, levou um grande susto. Em vez do negrinho, viu uma nuvem que se erguia da terra e logo se sumiu nos ares. (...) Com um tempo, virou um verdadeiro santo. (LOBATO, 2011c, p. 49).

Vimos no trecho acima folclore e religião juntos. O Negrinho do Pastoreio, uma figura do folclore, virou santo.

Após procurar mais seres da mata, Pedrinho e o Saci veem o Lobisomem que, de acordo com a lenda, é o sétimo filho homem de uma família que se transforma em lobo nas noites de sextas-feiras. Após o lobo, eis que aparece a Mula sem cabeça, uma rainha que comia cadáveres no cemitério e se transformou nesse terrível monstro.

Aparecem, ainda, a Porca dos Sete Leitões, a Caipora, a Cuca e a Iara. A primeira vive procurando um anel para quebrar um feitiço e voltar a ser baronesa; a segunda costuma deter os viajantes e exigir fumo e bebida deles; a Cuca é uma bruxa conhecida por todas as crianças – inclusive por músicas infantis – por enfeitiçar os pequenos; a Iara é uma linda sereia que vive nos rios e cega quem a olhar de tão bela que é.

É comum que as crianças se sintam fascinadas por esses personagens do nosso folclore, pois são, até então, desconhecidos. Por isso, elas ficam querendo buscá-los, encontrá-los e, ao mesmo tempo, são tomadas pelo medo de se depararem com um deles. Essas estórias têm muito a acrescentar na formação infantil, pois são muito ricas em temas e conteúdos que despertam nos nossos meninos e meninas um imaginário fantástico, o hábito de aprender de modo prazeroso.

Ao apresentarmos esta temática, presente nas obras de Lobato, destacamos o pioneirismo deste levantamento e aproveitamento literário por parte do autor. Ele mostra às crianças o Brasil que poucas conhecem através dos mitos do nosso folclore. Se fizermos uma rápida análise, veremos que não há tantas produções que tratam de assunto tão rico, principalmente sendo voltado ao público infantil. Aqui, parte da nossa cultura é mostrada de modo peculiar e prazeroso devido à possibilidade de as crianças conhecerem de perto o comportamento desses personagens. Monteiro Lobato privilegiou o nosso país e as suas tradições como cenário ideal para suas narrativas.

### **1.1.3 Casamento e divórcio**

O casamento foi introduzido no Brasil nos tempos do Império (1822 a 1828) e era ligado diretamente à Igreja Católica. Uma de suas normas se referia à indissolubilidade, não podendo romper o vínculo matrimonial, embora o casal se separasse apenas de corpos. A partir do regime republicano e o decreto do estado laico, a instituição do casamento perdeu o seu caráter confessional. O casamento civil foi instituído em 1890, mas também não previa a separação.

Em 1977 o divórcio é instituído no Brasil através da Emenda Constitucional nº 9, datada de 28/06/1977, de autoria do senador Nelson Carneiro. Essa emenda sofreu muitas críticas e gerou uma enorme polêmica para a época, pois tornava o casamento solúvel e propiciava às pessoas divorciadas a possibilidade de um novo casamento. (BOTTEGA, 2010, p. 33).

Feito um breve apanhado a respeito do casamento e do divórcio no Brasil, podemos adentrar a esse tema que também está presente na obra de Monteiro Lobato. O que podemos afirmar a princípio é que ele é abordado de forma muito contemporânea, visto que esses escritos antecedem a implantação do desquite no Código Civil brasileiro. As protagonistas dessa ação são Narizinho e Emília. A garota e a boneca se casam na flor da idade, a primeira com um peixe que também é príncipe e a segunda com um porco. Ambos os casamentos são muito modernos, pois os casais não vivem juntos, debaixo no mesmo teto, se veem quando dá.

Uma das passagens que aborda o tema em questão se encontra no livro *Reinações de Narizinho*. Trata-se do momento em que Lúcia, a menina do nariz arrebitado, se casa com o Príncipe Escamado, um peixe que estava morto de amores pela garota. Em nenhuma ocasião real seria possível o casamento de um peixe com um ser humano. Vejamos o início da discussão do casamento de Narizinho:

Depois da viagem de Narizinho ao Reino das Águas Claras o Príncipe Escamado caiu em profunda tristeza. Emagreceu. Suas escamas foram ficando fininhas como papel de seda. Permanecia horas de olho pregado no trono de onde Narizinho havia assistido ao grande baile da corte, e de vez em quando puxava uns suspiros que pareciam arrancados com torquês. (...) O Doutor Caramujo foi chamado para examinar o Príncipe. Tomou-lhe o pulso. Pediu para ver a língua. Depois, erguendo-se para a testa os óculos de tartaruga, disse com toda a gravidade: - Vossa Majestade está sofrendo de narizinho-arrebitadite, doença muito séria, cujo único remédio é o casamento com uma certa pessoa. (LOBATO, 2011d, p. 92).

Podemos também falar sobre o casamento da boneca Emília com o porco Rabicó, algo igualmente inconcebível na vida real, mas que faz brilhar os olhos dos leitores de tanto encanto. O que nos chama atenção é o fato de Emília se casar por interesse, enganada por Narizinho, pois pensava que Rabicó viraria um príncipe e ela, por conseguinte, ganharia o título de princesa. Notemos o desenrolar da trama:

- Depressa, Pedrinho! Arranje-me um bom visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa, e venha com ele pedir Emília em casamento. Enganei-a que Rabicó é filho desse Visconde, o qual é um grande rei de um reino lá atrás do morro. Os dois, pai e filho, foram encantados por uma fada, só devendo se desencantar no dia em que Rabicó descobrir uma certa minhoca com um certo anel mágico na barriga. (LOBATO, 2011d, p. 80).

Como em todas as obras infantis de Lobato vemos nessas passagens muita fantasia, pelo fato de não ser possível o casamento de uma criança. Essas meninas são guiadas pela sua própria vontade e fazem o que acham certo, independente do que Dona Benta ache disso. Constatamos aqui o caráter autônomo das duas, coisa que as crianças buscam frequentemente: a não necessidade de obedecer aos pais.

No livro *O Picapau Amarelo* Emília trama encontrar um marido para Branca de Neve, que ficou viúva. Vendo a discussão, Visconde intercede e diz que só é a favor de qualquer casamento se houver amor, caso contrário, dará errado como o da boneca. Então, ele afirma: “– Pois a Emília casou-se apenas por interesse – para virar marquesa. Nunca sentiu o menor pingo de amor pelo Rabicó. Resultado: separação, e ela ficou impedida de aceitar as ótimas propostas de casamento que lhe apareceram mais tarde.” (LOBATO, 2011a, p. 80). A boneca, tão esperta, se deixou enganar pela amiga e, devido à sua pressa, perdeu de tirar proveito de outra boa situação que por ventura lhe aparecesse.

O livro *Reinações de Narizinho* teve a sua primeira edição impressa em 1920, *O Picapau Amarelo* em 1939. Ambos estavam em circulação muito antes da regulamentação do divórcio no Brasil. Desse modo, verificamos a ousadia de Lobato em trazer esse tema de forma futurista às leituras infantis. Ele falou em divórcio em um momento em que não se devia falar, por se tratar de um tema polêmico. Foi conferida, nesse sentido, muita liberdade às meninas do Sítio.

Não satisfeita com as suas falas independentes, Emília, em *A chave do tamanho*, afirma que não quis mais se casar por medo de ter filhos. Aonde já se viu, uma boneca de pano, ainda por cima criança, falar em ter filhos? Isso prova cada vez mais a sua personalidade liberta, típica de um ser dono de si, que não conta com nenhum empecilho que possa mudar a situação em que se encontra. Vale mencionar também o caráter cômico das falas da pequena asneirenta, já que, por muitas vezes, nos pegamos rindo devido aos absurdos que ela fala.

Analisando os principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo, veremos que nenhum é formalmente casado, nem os mais velhos.

Dona Benta é viúva; Tia Nastácia é, digamos, uma “solteirona”; os pais de Pedrinho e Narizinho estão distantes ou simplesmente não existem (só há menções a mãe de Pedrinho, Tonica). Ocorrem, na trama, dois casamentos – o de Narizinho com o Príncipe Escamado e o de Emília com o Marquês de Rabicó –, mas são desfeitos, o primeiro por viuvez e o segundo por divórcio, questão polêmica nos tempos em que Lobato escrevia. (PENTEADO, 2011, p. 208).

Percebemos, com o decorrer dos estudos, que o autor em questão relativiza os assuntos relacionados à entidade do casamento. Nas narrativas é possível que percebamos a ausência de menções que denotem maior importância a esse tema. O fato é que tudo é levado na brincadeira, literalmente, pois, principalmente no casamento de Emília com Rabicó, percebemos claramente o fundo esquisito que há por trás do acontecimento.

#### **1.1.4 A representação da mulher**

Monteiro Lobato era dono de uma personalidade dotada de ideologias muito marcadas. Dentre elas, estão os contornos fortemente determinados da sua postura feminista. De um escritor, filho de uma sociedade patriarcal, nascido no século XIX, era de se esperar que apresentasse ideias fiéis ao momento em que viveu. Anteriormente, a figura do homem dominador, chefe de família era muito intensa. A ele era destinado o comando da casa, da fazenda, enquanto a mulher deveria cuidar da parte doméstica e dos filhos.

Na década de 20, quando Lobato escreveu *A menina do narizinho arrebitado*, seu primeiro livro para crianças, as mulheres começavam a gozar de um pouco mais de liberdade, já deixavam de lado os espartilhos, podiam mostrar as pernas e colocar maquiagem. Concordando com Silva e Veloso (2012) “Ainda que em exame preliminar, o perfil feminino representado na obra infantil e juvenil de Lobato indica rupturas com o ideário de mulher mais conservador evidenciado à época”. (p. 17).

Essa década foi marcada por acontecimentos como a Semana de Arte Moderna; a prosperidade pela qual passavam os Estados Unidos da América, seguida da queda da bolsa de valores americana; a fundação do Partido Comunista Brasileiro; dentre outros. Como vemos, foi um momento de efervescência histórica. O país passava por inúmeras modificações e foi nesse cenário, que Lobato deu vida aos personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

Uma das questões que ratificam essa liberdade feminina presente na obra infantil lobatiana foi trabalhada no tópico anterior, trata-se do divórcio. Como constatamos, Lobato tratou desse tema com tamanha independência que aparenta ter sido uma coisa muito comum à sociedade daquela época. Emília também é vista como mulher e é capaz de dominar qualquer barbudo com o seu gênio forte e o seu espírito de general. Visconde é o que mais

prova das suas ordens desenfreadas, é obrigado a fazer tudo o que a boneca deseja, assim como um capacho.

Em *Reinações de Narizinho*, Emília não se mostrava disposta a casar, dizia que não tinha paciência para aturar marido. Em uma de suas falas, ela afirma que após casar não iria morar com o marquês enquanto ele não virasse príncipe. Assim como ocorre hoje em dia, a boneca se propunha a entrar em um casamento moderno, onde o casal morasse em casas separadas. Para Silva e Veloso (2012) “Verifica-se que, mesmo aceitando o pedido, não é o ideal de esposa dos anos 1920 e 1930”. (p. 18). Lobato fazia com que os leitores infantis questionassem a veracidade das convenções nas quais os adultos acreditavam.

Outro comportamento feminista de Emília ocorre na obra *O Picapau Amarelo*. Ela sai com o Visconde de Sabugosa para a venda do turco Elias visando convencer os donos das fazendas vizinhas a de Dona Benta a vender suas terras à referida senhora. “Emília e o Visconde entraram, sentaram-se atrás deles numa mesinha dos fundos e pediram meia garrafa de cerveja e duas cocadas queimadas. E puseram-se a conversar com ares misteriosos. Aquilo imediatamente intrigou os fazendeiros.” (LOBATO, 2011a, p. 17). Indagada por Dona Benta quanto ao que fez para convencer os homens, ela diz: “- Nada, Dona Benta. Apenas comemos uns doces da bodega do Elias e tomamos uma cervejinha. Por sinal que estou tonta, tonta...” (LOBATO, 2011a, p. 19).

Ainda hoje, há quem diga que é feio encontrar uma mulher bebendo em uma mesa de bar, nos anos 20 então, deveria ser um verdadeiro absurdo. Pois Emília, com toda a sua audácia, também quebra esse paradigma e sai com um homem – sabugo, mas homem – para beber em uma venda a fim de alcançar um objetivo. Como sempre, ele consegue o que quer e volta para casa muito contente.

Em *A reforma da Natureza* acontecem dois fatos que devem ser destacados. O primeiro é o episódio em que a boneca, com a ajuda de uma colega, muda toda a ordem natural do meio ambiente a sua própria vontade. O segundo episódio ocorre quando Dona Benta e Tia Nastácia são convocadas para representar a humanidade na ocasião do fim da Segunda Guerra Mundial na busca pela paz entre os homens, estes que já tinham destruídos inúmeras cidades e matado milhares de pessoas.

Em seus livros infantis, Lobato opta pela superioridade feminina. Sua criação, chamada Emília, é quem mais perfeitamente ratifica essa asseveração.



Ele afirmava que os homens dominam apenas em razão da força bruta (*História do mundo*)<sup>1</sup> e sustentava que as mulheres sabem governar melhor do que os homens (*História do Mundo*). A elas Lobato atribui a autoria de diversas invenções úteis para a humanidade, “pois os homens passavam o tempo todo fora de casa” (*Invenções*), e faz com que Emília defenda uma participação maior dos homens no cuidado dos filhos (*Reforma*). (PENTEADO, 2011, p. 211).

Por fim, podemos assegurar que o regime que vigora no Sítio do Picapau Amarelo é matriarcal, visto que Dona Benta, a mais velha da casa, tem uma posição dominante na família. Nós não percebemos a presença marcante de um homem em qualquer que seja a narrativa da saga do Picapau Amarelo, os únicos a aparecerem com frequência são Pedrinho e Visconde. Pedrinho é um garoto, não possui uma maturidade formada para ser o “homem da casa”, Visconde, apesar da sua inteligência, não é um ser humano. Quem dita as ordens por lá são, na verdade, Dona Benta, Emília e Tia Nastácia – que de vez em quando dá uma de mandona.

A estrutura familiar apresentada por Lobato, sem dúvidas, não é a convencional. Aliás, nada do que está inserido no Sítio do Picapau Amarelo assume esse caráter tradicional, normalista. Não, lá tudo é diferente, as coisas acontecem de acordo com a vontade dos personagens, independente de serem certas ou erradas. Contrastando com o patriarcalismo que ainda hoje se faz presente em muitos setores sociais, Monteiro Lobato mostrou que é possível ir além e seguir a imaginação, até mesmo como uma forma de obter a liberdade, abstrair.

### **1.1.5 Povos e tipos de governo**

No decorrer das leituras alusivas à obra infantil de Monteiro Lobato, percebemos a sua obstinação em trazer até as crianças o tema político. Vemos, constantemente, passagens que falam sobre povos, hierarquias, definição de estado, diversos tipos de governo, dentre outros. O autor trata as crianças como seres pensantes e elenca nas suas obras uma série de ensinamentos diretos que fazem os pequenos compreenderem desde cedo como se organiza, politicamente falando, o país em que vivemos, bem como muitos outros.

Em muitos momentos vemos inúmeras referências à democracia. Apenas a título de informação, vale ressaltar que Lobato não viveu para ver esse regime ser implantado no nosso país, visto ter nascido em 18 de abril de 1882, período em que ainda vigorava a Monarquia no Brasil. Logo após a abolição da escravidão, em 1888, foi implantado o Regime Republicano

---

<sup>1</sup> Os títulos das obras mencionadas foram resumidos pelo referido autor. Originalmente são denominadas *História do mundo para as crianças* (1933), *História das invenções* (1935) e *A reforma da natureza* (1941).

em 15 de novembro de 1889. Nesse momento ainda não havia o voto direto, o que consagraria o regime de governo democrático. Em 4 de julho de 1948, Lobato se despedia da vida no auge do governo do então Presidente General Eurico Gaspar Dutra (1946 – 1951).

Como é de costume do autor, ele também utilizou os seus escritos para criticar a forma como se organizava o governo brasileiro. Em *Caçadas de Pedrinho*, acompanhamos a ocasião em que o rinoceronte que fugiu do circo vai parar no Sítio do Picapau Amarelo. Sabendo do paradeiro do animal o governo federal cria um exclusivo “Serviço de Caça ao Rinoceronte”, com um chefe que ganha uma bolada de dinheiro por mês e conta com doze auxiliares igualmente bem pagos, mas, com uma ressalva: eles não cumprem com o seu trabalho. Com isso, Lobato quis mostrar como são falidas algumas esferas governamentais, estas que não têm planejamento e beneficiam pessoas em uma atitude muito contemporânea, diga-se de passagem.

No livro *A chave do tamanho* encontramos passagens que exemplificam dois modos de se governar: a anarquia, que se posiciona contra o governo ligado ao estado e a democracia, que se pauta na soberania popular. Após Emília virar a chave que diminui o tamanho das pessoas, ela viaja aos Estados Unidos com o Visconde para ver como estão as coisas por lá. Ao chegarem, se deparam com a Casa Branca vazia, ou melhor, com alguns poucos homens reduzidos.

Quando se dá conta da real situação que passa os EUA, um dos ministros presentes afirma: “- O governo já não existe – dizia ele – pela simples razão de que já não existe o que governar.” (LOBATO, 2011e, p. 116). Emília, vendo a catástrofe pela qual passava o governo americano, pede que o Visconde vá buscar algumas cestas de povo. “- Sim, porque não posso compreender um governo do povo, pelo povo e para o povo, sem povo nenhum – disse ela. – Vou dar povo ao governo americano.” (LOBATO, 2011e, p. 120). Vemos uma disposição democrática por parte da boneca. Conforme Penteadó (2011), Emília decide mudar o tamanho das pessoas individualmente, mas é através de um democrático plebiscito que ela decide dar novamente às pessoas o seu tamanho original.

Contraopondo-se à democracia, vemos em *A reforma da natureza*, menção aos regimes totalitários de governo que vigoraram na Europa a partir dos anos 30. Os mais conhecidos são o Nazismo – alemão – e o Fascismo – italiano. Na obra supracitada, Dona Benta vai, junto a Tia Nastácia, contribuir com a implantação da paz no referido continente. Quando volta, que vê as transformações feitas por Emília, profere: “- Vá já desfazer o que fez! – ordenou rispidamente. Emília fez beicinho e disse para a Rã: - Ela era democrática quando saiu daqui.

Depois que lidou com os ditadores da Europa, voltou totalitária e cheia de “vás”. Pois não vou.” (LOBATO, 2011f, p. 43).

Emília, particularmente, é antipovo. Segundo ela, o povo é idiota, grosseiro e ingênuo. A boneca só é democrática quando o benefício disso figura em torno dela, em outros momentos ela é quem manda. Estabelece tudo o que Visconde deve fazer, sem lhe dar o direito nem de reclamar. Quando vê que não conseguirá o que almeja dando ordens, arma ciladas para Pedrinho, Narizinho, Nastácia ou quem quer que seja, mas não atrapalha os seus objetivos por causa de ninguém. É, como já foi chamada por Dona Benta, – comicamente – uma tirana.

No primeiro livro infantil escrito por Monteiro Lobato já se pode ver indícios da sua intenção em tratar de temas ligados à política. No fragmento abaixo, vemos exemplificada a Monarquia, um regime governamental muito antigo.

Formas de governo, hierarquias e instituições são apresentadas, já de forma irreverente, nas primeiras páginas de *Reinações de Narizinho*, quando o soberano do Reino das Águas Claras é apresentado como “príncipe e rei ao mesmo tempo”; um sapo, chamado Agarra E Não Larga Mais, tem a divisa de major (...). (PENTEADO, 2011, p. 217).

Ainda em *Reinações de Narizinho*, encontramos um episódio típico de uma organização governamental que protege os mais fortes em detrimento dos mais fracos, fato muito recorrente no nosso dia-a-dia, na nossa política. Em visita ao Reino Animal, os netos de Dona Benta se deparam com um grave problema: uma epidemia acometia aquele lugar. Querendo encontrar um culpado para essa desgraça, o Rei Leão resolve culpar o mais fraco dos bichos presentes: o burro. A fim de se salvar, a raposa acha argumentos para condenar o miserável animal:

- É por causa dele que o céu nos mandou esta epidemia. Ele tem de ser sacrificado. Não dá coices, confessou, ‘porque tem os pés inchados’. Quer dizer que se não tivesse os pés inchados andaria pelo mundo a distribuir coices como quem distribui cocadas. Morra o miserável burro coiceiro! (LOBATO, 2011d, p. 249).

Dona Benta, em algumas obras e muitas passagens, fala pejorativamente de alguns tipos de políticos. N’*Os doze trabalhos de Hércules* ela afirma que há muitos asnos frente aos governos, inclusive nos tronos. No entanto, não se trata de animais de quatro patas, mas de duas. Entre outras coisas, a doce vovó afirma que os poderosos que se apossam dos governos

colocam esse dispositivo contra a população, em prol de interesses próprios e escravizam a humanidade.

Penteado (2011) nos mostra uma passagem de um dos livros de Lobato que descreve muito bem alguns setores da humanidade, assim como a política. É penoso, mas é real: “- Um crime deixa de ser crime quando feito em ponto grande. Quem mata um, tem força; quem mata um milhão, tem estátua [...]. Daí vem o povo dizer: quem furta um pão é ladrão; quem furta um milhão é barão. (Dona Benta/*Invenções*).” (p. 217).

Percebemos, com a atual discussão, que a obra lobatiana não trata apenas de assuntos pueris, há também uma boa dose de realidade inserida nas entrelinhas dos seus escritos. Nada como discutir os fatos ocorridos no nosso dia a dia com delicadeza, em meio a tantas passagens fantásticas. Além de escrever para divertir as crianças, Monteiro Lobato consegue, também, educá-las, prepará-las para o mundo em que elas vivem.

### **1.1.6 Lições de vida na narrativa infantil**

Normalmente vemos no nosso dia-a-dia conteúdos diversificados propostos ao público infantil. Deparamo-nos também com vários motivos que os impulsiona a ler, tais como necessidade, obrigação, diversão, dentre outros. Contudo, uma coisa é certa: a leitura é essencial para a construção da personalidade infantil, bem como é uma porta aberta ao aprendizado. Formar leitores, não só infantis, mas principalmente, é um modo de incentivar o desenvolvimento de adultos críticos, com conhecimento pautado na sua experiência de vida.

Constatada a importância da leitura na infância, podemos dissertar acerca de conteúdos inseridos nessas leituras que cooperam de modo muito significativo na formação de cidadãos justos. É esse o ponto. As narrativas infantis de Monteiro Lobato levam às crianças uma diversidade de temas extremamente oportunos e, dentre eles, traz muitas lições de vida, muitos aprendizados. Elencaremos abaixo alguns trechos de livros de Lobato que corroboram com estas afirmativas.

Em suas discussões com Pedrinho, o Saci tenta provar que a vida entre os bichos é muito melhor do que a vida entre os seres humanos, pois estes últimos são criaturas verdadeiramente estúpidas. O perneta argumenta falando sobre a Primeira Guerra Mundial, um conflito que matou muitas pessoas a troco de nada. Pedrinho, por sua vez, afirma que na mata também há guerras, pois os animais comem uns aos outros, então o Saci retruca:

- Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homens fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar – por esporte, por glória, como eles dizem. (LOBATO, 2011c, p. 37).

O Saci prova que muitos seres humanos realmente são perversos e não se importam com o próximo, pois é a ganância quem os move. No mundo animal isso não acontece, pois não existem maus sentimentos dentro deles, mas instinto. Ademais, os bichos não pensam como os humanos e, no entanto, às vezes, agem como se usassem a emoção.

Quando Emília diminuiu todos os seres humanos ao rodar a chave do tamanho, uma nova ordem foi imposta à humanidade. Ricos e pobres, pessoas importantes ou não agora estavam todos em um mesmo patamar. O mundo gira e o que é estável hoje, pode não ser amanhã, assim como a boneca descreveu: “Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um sábio, um prefeito, com a mesma facilidade com que o Manchinha comia baratas”. (LOBATO, 2011e, p. 53). Manchinha é o gato de uma família que também foi diminuída. Nessa nova situação, ele era mais forte e podia mais do que os próprios donos.

N<sup>a</sup> *reforma da natureza*, a boneca Emília reflete sobre a organização da nossa sociedade. Para ela, todos deveriam viver em harmonia, sem travarem batalhas desnecessárias que nascem das diferenças.

Dona Benta acha que os homens devem formar no mundo uma coisa assim como as formigas. Elas são de muitas raças, ruivas, pretas, saúvas, sarassarás, quem-quens etc., mas vivem perfeitamente lado a lado umas das outras, sem se guerrearem, sem se destruírem. Se as formigas conseguem isso, porque os homens não conseguirão o mesmo? (LOBATO, 2011f, p. 30).

Nessas poucas passagens podemos observar alguns traços ideológicos do escritor Lobato, um homem preocupado em escrever para crianças com mais cautela do que para adultos. Em seus livros, os pequenos veem todo um mundo ser construído diante dos seus olhos tão sensíveis. Ler a obra lobatiana, além de uma aventura, é de grande aprendizado.

## 1.2 PERSONAGENS

Os seres humanos e ficcionais que compõem o quadro de personagens do Sítio do Picapau Amarelo formam uma grande família. Cada perfil é rico em informações psicológicas

capazes de fazer com que os leitores sempre tenham um personagem com o qual possam se identificar. Entre os personagens humanos mais conhecidos temos Dona Benta e Tia Nastácia entre os adultos e Lúcia – conhecida por Narizinho – e Pedrinho entre as crianças. São três os personagens animais que, vale ressaltar, são todos conscientes e inteligentes: Conselheiro, o burro falante; Rabicó, o porco comilão e o rinoceronte Quindim. O conjunto dos importantes seres, até então inanimados, que ganham vida, se encerra com Emília, uma boneca de pano feita por Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa, fabricado por Pedrinho através de um sabugo de milho, que depois passa também pelas mãos da cozinheira do Sítio.

Assim, adiante, veremos as características mais marcantes de cada uma dessas personalidades. Dona Benta é a avó que muitos gostariam de ter, uma senhora acessível que faz tudo pelos netos; Tia Nastácia é uma doméstica muito carinhosa; as crianças são sadias e aproveitam com fervor a infância; Visconde e o Conselheiro são os símbolos da sabedoria, Rabicó, o guloso; Emília é a mandachuva da turma; Quindim é o representante da força. Essas descrições denotam superficialmente algumas características dessas figuras.

Determinados personagens se identificam realmente com o modo de Lobato ver o mundo, com a sua vida. Pedrinho, por exemplo, é a sua representação quando criança. Ele que cresceu na zona rural, em uma fazenda da sua família, tem muito em comum com o neto de Dona Benta que, por sua vez, representa com louvor a figura da matriarca, da protetora familiar. Emília pode ser vista como o seu inconsciente, o que corre solto pelas entrelinhas das suas narrativas. É aquela que pode tudo, que sempre consegue uma forma de realizar aquilo que almeja. Não é à toa que é a preferida de grande parte dos leitores de Lobato. A boneca, diria, é a peça-chave da obra infantil lobatiana, pois é a única capaz de se confrontar com os demais, é quem está sempre em evidência.

É caso de questionamento o fato de não haver uma figura masculina com traços marcantes em suas narrativas. Entre os seres humanos presentes, há três pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino, sendo elas: Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Pedrinho. No entanto, vendo o restante dos personagens, temos também Visconde, Quindim, Conselheiro, Rabicó e Emília. Nesse caso, as figuras masculinas são maioria. Levando em consideração a hierarquia, temos uma mulher ao topo, o que não é convencional. Vemos aí uma face feminista em Monteiro Lobato.

Chegamos agora ao ponto: às atribuições dadas a cada personagem. Como não poderia ser diferente, iniciaremos esse procedimento pela mais velha, pela matriarca da família. Dona Benta tem 70 anos e é a chefe da casa, embora esteja sempre cedendo aos caprichos dos netos. Ela é um pouco de pai e mãe, pois desempenha as duas funções, cada uma no seu turno. É

também detentora de um grande conhecimento, que repassa aos netos e aos seus companheiros de aventura. De acordo com Penteado (2011, p. 190-191) “Lobato afirma ter-lhe dado o nome por causa da avó de um colega seu, de escola, que lhe contava histórias que o menino repassava aos amigos”.

Tia Nastácia é negra, ex-escrava, mas, mesmo depois de liberta, continua trabalhando para Dona Benta, o que era comum no final do século XIX. Trata-se de um ser humano muito bom, que está sempre preocupado com os meninos do Sítio. Não foi escolarizada e está à margem do conhecimento erudito, no entanto, domina a arte da culinária como ninguém. É questionadora e vive se desentendendo com Emília, conflitos muito comuns entre o criador e a sua criatura, algo impregnado de naturalidade. Tem aproximadamente a mesma idade da patroa e são grandes amigas, o que adoça a convivência entre ambas e entre as crianças.

Lúcia, mais conhecida como Narizinho, vive no mundo da fantasia, literalmente. Sua idade mencionada na obra varia entre 7 a 9 anos. É neta de Dona Benta e sempre viveu no Sítio com a avó, mas não há nenhuma menção feita aos seus pais no decorrer das narrativas. A menina leva o tempo inteiro em sonhar e se aventurar com o primo Pedrinho e os seus amigos. É um retrato ideal da vida na infância.

Pedrinho é o outro neto de Dona Benta e tem idade próxima a Narizinho, entre 8 e 10 anos. Ele é filho de Tonica, que é filha de Dona Benta e mora no Rio de Janeiro. Ele é um menino muito arteiro e corajoso, adora se meter em grandes aventuras e se expor ao perigo. “(...) se encaixa de certa forma no estereótipo contemporâneo de Lobato para um “menino” e o aproxima, provavelmente, do que teria sido o próprio Lobato em garoto (...)”. (PENTEADO, 2011, p. 192). Pedrinho passa suas férias escolares no Sítio e sempre que vai embora é um desgosto danado, tanto dele, quanto por parte dos que ficam.

O Burro Falante, depois chamado de Conselheiro devido à natureza das suas sugestões, é um sábio e respeitoso animal, que se mantém presente, ainda que à distância, na maioria das histórias. “Trata-se de personagem de grande sabedoria e bom-senso, como se Lobato desejasse – tendo vivido na fazenda –, literalmente, modificar a imagem prototípica do animal” (PENTEADO, 2011, p. 192).

Rabicó é o sétimo de uma ninhada de porcos, estes que são todos levados à panela por Tia Nastácia. Narizinho se condói do último bichinho e o tem como protegido. Devido a isso, o marquês sobrevive. Contudo, Rabicó é um incorrigível irresponsável, larga tudo por comida, não importa o mal que cause.

Ostensivamente crítico a cerimoniais e títulos de nobreza, Lobato deve ter tido sentimentos ambivalentes a respeito – fruto, com certeza, da sua complicada relação com o avô visconde – razão pela qual atribui os graus de visconde e marquês a criaturas tão diversas quanto Sabugosa e Rabicó. (PENTEADO, 2011, p. 192).

Visconde é um sabugo de milho que foi criado, morto e reconstituído várias vezes por Pedrinho e Tia Nastácia. É um fidalgo de inteligência invejável. Lobato mata e ressuscita o Visconde várias vezes, o que pode coincidir com a morte do seu avô. O sabugo é sempre mandado por Emília, a quem ele obedece amedrontadamente, pois sabe que, quando ela deseja algo, ela consegue, de uma forma ou de outra. Vive entre as aritméticas, geometrias, gramáticas e todo e qualquer conhecimento que exista. Trata-se de um grande intelectual.

Quindim, o rinoceronte fugido do circo, veio parar no Sítio devido ao convite de Emília, que lhe prometeu proteção. O seu nome foi escolhido devido a um doce que conhecemos muito, devido à sua leveza, meiguice. “(...) sua força bruta é subjetiva de uma natureza interior refinada e culta. Tem-se aqui a força manobrável; os canhões ao lado da inteligência”. (PENTEADO, 2011, p. 193).

Por fim, chegamos à obra prima de Lobato: Emília. À boneca é dada a oportunidade de discutir assuntos polêmicos como a própria questão do racismo. É independente, autônoma e, mesmo boneca, muito dona de si. É uma grande representante do “jeitinho brasileiro”, pois sempre consegue o que quer, não importa o meio que utilize. Segundo Penteado (2011), Lobato ria enquanto dava vida a Emília, das palavras que colocava na boca da boneca, da sua irreverência. Ela é para o autor um modelo, uma concepção de mulher bem-sucedida, algo genial para o seu tempo. De fato, se trata de uma personagem cômica, que nos enche os olhos, seu poder tem origem nas suas ideias, na sua coragem de tramar contra qualquer pessoa.

Os personagens de Lobato são muito diversificados, há para todos os gostos. É comum sermos tomados por encantamento ao nos depararmos com as suas narrativas, pois, inclusive, em termos de conteúdo, nada fica a desejar. É cativante ver esses seres fazendo acontecer no desenrolar das tramas, pela facilidade com que tudo ocorre, pela beleza que existe em cada trecho, bem como pela confirmação das nossas aspirações fantasiosas. Os habitantes do Sítio do Picapau Amarelo são, sem dúvida, muito felizes e isso contagia aqueles que põem os olhos na casinha de Dona Benta e adentram um pouco a vida de cada um desses personagens.



## **CAPÍTULO 2 – DISCUSSÃO SOBRE O CONTEXTO RACIAL**

### **2.1 CONCEITO E HISTÓRIA DO RACISMO NO BRASIL**

As questões relacionadas ao racismo merecem muito mais da nossa atenção, pois não se tratam de um contexto isolado, mas de um tema considerável e muito abrangente que vem perpassando a história através dos tempos. Incorre em erro aquele que imagina que os conflitos raciais que, ainda hoje, existem em nossa sociedade são frutos de uma conjuntura atual. O pensamento racista nasce da ideia de que existem raças superiores umas às outras, o que incentiva as diferenças entre os seres humanos. Para Valente (1994, p. 86) o racismo consiste na “afirmação da superioridade de uma raça sobre outras. Pode tomar diversas formas, como o preconceito, a discriminação, sendo que a segregação é a mais ostensiva delas”.

A vinda dos africanos para o Brasil desencadeou uma série de conflitos que persistem até os dias atuais. O sistema capitalista vigente no século XIX concentrava os meios de produção nas mãos de poucas pessoas, estes que seriam os donos do capital. Dentro dessa organização, as relações entre os homens se tornaram cada vez mais desiguais: enquanto uns detinham o poder necessário para exercer a dominação, outros tinham apenas a sua força de trabalho para oferecerem como moeda de troca, o que era o caso dos negros que aqui aportaram.

Na época do Brasil-colônia, os índios é quem eram explorados pelos colonizadores, depois foi internalizado o conceito de que os negros vindos da África possuíam uma suposta superioridade aos nossos nativos. De acordo com Valente (1994) os negros africanos vinham de uma cultura agrícola, sabiam trabalhar o bronze, cobre, ouro, madeira, eram tecelões e criavam animais domésticos, o que tornou sua mão-de-obra muito apreciada. A partir dessa constatação, os negros começaram a ser escravizados como justificativa de serem inferiores aos brancos devido aos seus costumes. Os escravos que trabalhavam nas fazendas de café brasileiras não eram sequer considerados humanos, eram vistos como bichos ou simples mercadorias. As negras serviam para trabalhar e procriar, enquanto alguns negros eram nomeados para serem os reprodutores nas senzalas.

O racismo passou a ser um novo argumento que justificaria as diferenças sociais. Os brasileiros imitaram os pensamentos advindos do povo europeu e as suas teorias raciais. “A partir de 1870 introduzem-se no cenário brasileiro teorias de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo”. (SCHWARCZ, 1993,

p. 57). A partir desse momento, instalaram-se aqui verdadeiros laboratórios que tinham como intuito estudar as raças negra e mestiça e suas implicações para a nação. Foi a partir dessa década que a desmontagem do sistema escravocrata brasileiro começou a se tornar um fato irrevogável.

Em 28 de setembro de 1871, a Princesa Isabel assinou a Lei do Ventre Livre. Esta lei considerava libertos todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir da referida data. Porém, não havia como se conceber a liberdade de um recém-nascido se suas mães continuavam escravas, pois nenhuma proteção seria destinada a esses pequenos, já que os senhores brancos não detinham nenhuma responsabilidade entre eles.

Outra lei foi publicada em 28 de setembro de 1885, era a Lei dos Sexagenários, esta que garantia a liberdade aos escravos com mais de 65 anos de idade. Os escravos libertos através dessa lei não possuíam as condições mínimas de sobrevivência, pois já vinham de um regime de trabalho pesado e saíam das fazendas sem nenhuma garantia que pudesse assegurar o seu sustento.

Após a promulgação da Lei Áurea, também assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, pouca coisa mudou na situação dos, agora, ex-escravos. Os negros foram expulsos de algumas fazendas, sobretudo no Sudeste, onde viviam sem chances de inserção no mercado de trabalho. A partir daí, um conjugado de opiniões pré-concebidas passou a ser formado em relação aos africanos que habitavam o nosso país.

Algumas ideias, especialmente a “crença” de que o negro tinha “maus costumes” e “más qualidades”, haviam “justificado” e “explicado” a carga de trabalho e a subjugação física e psicológica do escravo. A “inferioridade” dos negros era definida a partir de seu “paganismo” e de sua “primitividade” cultural. Parte dessas ideias passou a ser justificativa para a não-incorporação do negro liberto nas novas relações de produção e para a não-utilização de seu trabalho. Além disso, esse ideário começou a ser “sustentado” pelas teorias raciais, com o crivo e o prestígio das ciências. (VALENTE, 1994, p. 31).

Desacreditado da sociedade como um trabalhador capaz de desempenhar diferentes funções em tantos empregos, os negros passaram a desenvolver atividades consideradas por muitos como de baixo prestígio social, o que reforçou sua imagem negativa. Dessa forma “(...) ao conceito de raça associou-se o de classe social”. (VALENTE, 1994, p. 35). Os ex-escravos agora seriam cativos das classes sociais e das opiniões formadas pela sociedade, fatos que não mudaram completamente com os passar dos anos e persistem até hoje. Embora,

atualmente, a situação seja outra, os negros ainda são considerados por muitos como “inferiores”. A condição que antes era definida pelos costumes, hoje é definida pela cor.

Muitos foram os estudos desenvolvidos por cientistas em relação às raças. De um lado havia a visão monogenista, que acreditava que a humanidade era uma, se originando de uma fonte comum. De outro lado existia a teoria poligenista, que defendia a existência de várias raças e corresponderia, por sua vez, às diferenças raciais. Conforme afirma Schwarcz (1993), a poligenia permitiria a análise dos comportamentos humanos como resultado de leis biológicas e naturais. Daí nasceria a *frenologia* e a *antropometria*, teorias que interpretavam a capacidade humana pelo tamanho do cérebro dos povos.

Devido à recorrente preocupação da classe branca com os lugares ocupados pelos negros nos diferentes setores sociais, duas, entre tantas outras, eram as palavras de ordem que norteavam muitas pesquisas: eugenia e hibridismo. A primeira, transformada em movimento científico, “(...) supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de ‘nascimentos desejáveis e controlados (...)’”. (SCHWARCZ, 1993, p. 79). A eugenia combatia qualquer tipo de “mistura” racial, estas que seriam nocivas à sociedade. O hibridismo consistia no cruzamento de espécies diferentes, algo que seria inconcebível e, portanto, deveria ser combatido de forma ferrenha.

Havia, ainda, inseridos na sociedade, os intelectuais chamados “darwinistas sociais”, que se utilizaram das ideias de evolução e seleção natural do naturalista britânico Charles Darwin, para supor que “(...) o progresso estaria restrito às sociedades ‘puras’, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória”. (SCHWARCZ, 1993, p. 80). Na verdade, esses estudiosos subverteram a teoria darwinista para poder chegar às conclusões que eles acreditavam ser as mais sensatas.

A evolução social deixaria de ser de caráter biológico. Os evolucionistas sociais centravam-se nas questões inerentes ao desenvolvimento cultural da humanidade. Viam-se as etapas da história, umas como atrasadas e perdidas, outras como dignas de observação e importância. Essas etapas faziam referência à cultura, aos costumes de diferentes povos, como o caso dos negros e dos brancos. No Brasil, a noção de evolução social estava intimamente ligada à noção de raça.

No que diz respeito aos negros, vigorava uma noção evolucionista, porém determinista no que se refere ao “potencial civilizatório dessa raça”, pois eles eram vistos como incivilizáveis. (SCHWARCZ, 1993). Aos brancos cabia o papel de civilizadores, mesmo que não se acreditasse na civilização do negro, pois era um ser visto como grosseiro, violento por natureza, que dificilmente seria capaz de atenuar seus hábitos.

A contextualização histórica apresentada é de suma importância para que possamos compreender o contexto racial vigente no Brasil. O racismo é uma característica cada vez mais marcante na sociedade e, portanto, acreditamos que, quanto mais esse assunto for debatido, mais formas de enfrentar esse problema serão apresentadas. Para Valente (1994) “as pessoas devem começar a admitir a existência de problemas raciais no país, porque só assim é possível propor soluções eficientes”. O racismo é um problema presente no mundo como um todo, mas no Brasil é como se não existisse, uma ideia que parece ser muito cômoda.

Como podemos perceber, há uma série de fatores desencadeadores do racismo no Brasil. Inicialmente, com a vinda dos africanos para o nosso país, há uma espécie de segregação por parte dos nativos pelos povos que aqui abarcaram, pelo fato das culturas serem diferenciadas e, principalmente, pela falta de respeito da nossa, para com a deles. Depois, a escravização desses povos funcionou como uma confirmação da suposta “inferioridade” dos mesmos perante os brancos. Por fim, passados esses dois fatos, o que passou a ser instrumento de preconceito foi a cor da pele negra. Assim, podemos compreender que o contexto racial, a discriminação, o racismo e o preconceito não são fatos isolados, mas comportamentos que surgiram em tempos remotos e persistem até hoje.

## **2.2 DISCUSSÃO: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

Em 30 de junho de 2010, foi protocolado no Conselho Nacional de Educação (CNE), um ofício relativo ao processo formalizado mediante denúncia do senhor Antônio Gomes da Costa Neto, brasileiro, Técnico em Gestão Educacional da Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal e estudante vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), na área de concentração em Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude, na linha de pesquisa em Educação das Relações Raciais.

A referida pessoa encaminhou a denúncia visando a abstenção por parte da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal de utilizar livros ou material didático que manifestassem expressões racistas a nível cultural, institucional ou individual na educação básica ou superior do Distrito Federal. A denúncia do solicitante foi vista como uma questão de interesse público devendo, portanto, ser analisada. De acordo com a Nota Técnica, “as colocações instadas pelo solicitante da consulta, Senhor Antônio, são coerentes”. A nota ainda adverte<sup>2</sup>:

---

<sup>2</sup> Parecer apresentado pelo Ministério da Educação, através do Conselho Nacional de Educação, Ofício nº 041761.2010-00, relativo ao Processo 00041.000379/2010-51, p. 2, formato PDF.

sendo assim, é necessária a indução dessa política pública, pelo Governo do Distrito Federal, junto às instituições de ensino superior, com vistas a formarem professores que sejam capazes de lidar com esse tipo de situação no cotidiano escolar. A obra *CAÇADAS DE PEDRINHO* só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro.

O requerente foca especificamente na personagem Tia Nastácia e nos tratamentos destinados a ela, como referências a animais como urubu, macaco e feras africanas. A crítica é baseada na legislação antirracista brasileira, a partir da promulgação da Constituição de 1988, bem como a adoção de um ensino de literatura que supere a adoção de estereótipos racistas referentes aos negros.

Para o Técnico em Gestão Educacional, a obra de Monteiro Lobato deve seguir a contextualização inerente à época de sua criação, respeitando avanços e mudanças. Entre outras coisas é citada a necessidade de haver na capa do livro a adoção da nova ortografia da língua portuguesa, bem como os esclarecimentos pertinentes em relação ao seu contexto de produção, como os avanços sociais e a preservação do meio ambiente. O que se questiona é que, o mesmo cuidado que há com a questão ambiental, em termos de notas, não há com a questão racial.

As críticas aos estereótipos presentes na obra *Caçadas de Pedrinho* apontadas pelo requerente não se referem a trechos isolados. Antes, fazem parte da análise do todo, do contexto histórico e social da obra e vivido pelo autor, da ideologia racial, das representações negativas sobre a cultura popular, o negro e o universo afro-brasileiro presentes não só no livro em questão, mas, também, em outras publicações de Monteiro Lobato.

O alerta e a denúncia em relação à adoção desse livro e de outras obras que apresentem estereótipos raciais devem ser entendidos como parte do processo democrático e integram o debate público e o exercício do controle social da educação realizado pela comunidade escolar em relação à política e às práticas educacionais adotadas, quer seja nos níveis federal, estadual, municipal ou distrital.

Para a relatora Nilma Lino Gomes, a escola tem papel predominante na superação do racismo, da discriminação e do preconceito. Deve-se considerar que Monteiro Lobato é um sujeito da sua própria época, mas também é responsável pelos desdobramentos e efeitos das

opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos e em que viveu. Situações relacionadas ao racismo estão presentes nos textos literários, pois estes fazem parte da vida real.

O parecer da relatora foi aprovado por unanimidade na Câmara de Educação Básica, o que permitiu que a obra *Caçadas de Pedrinho* continuasse em circulação nas escolas, só que, dessa vez, com um cuidado a mais: o dos professores para com a questão racial que permeia a obra, considerando todo o contexto histórico que está por trás dos escritos, bem como a época de sua criação.

### **2.3 CAÇADAS DE PEDRINHO: ENREDO**

A obra *Caçadas de Pedrinho*, assim como todos os livros da coleção do Sítio do Picapau Amarelo, chama a atenção das crianças para os acontecimentos que ocorrem nas terras de Dona Benta, pois lá, tudo é possível. Os netos da boa senhora sempre aprontam poucas e boas, num lugar onde a fantasia é quem governa e faz o gosto de ser criança ser muito mais aguçado. O livro foi escrito em 1933, pouco tempo após a abolição da escravidão, que ocorreu em 1888, o que permite que o analisemos através de uma conjuntura política e social mais abrangente.

O livro relata a descoberta feita pelo Marquês de Rabicó, um porco falante que, como tantos outros animais, habita o Sítio. Rabicó, em um dos seus momentos favoritos, está a se alimentar na floresta quando ouve alguns rugidos e tem certeza de que eles só podiam vir de uma onça-pintada. Atordado, o nobre marquês deixa o seu alimento de lado para avisar as crianças do que acabara de ouvir. Pedrinho e Narizinho decidem então, organizar uma empreitada para caçar a fera, mas sem avisar Dona Benta ou Tia Nastácia, que, sem dúvida, seriam contra a aventura. Pedrinho comandaria a expedição e o Visconde de Sabugosa estaria à frente do grupo analisando cientificamente os rastros do animal. Vale ressaltar que

essa grande aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo acontece em um tempo em que os animais silvestres ainda não estavam protegidos pelo Instituto Nacional do Meio Ambiente (IBAMA), nem a onça era uma espécie ameaçada de extinção, como nos dias de hoje. (CAMARGO; SACCHETTA apud LOBATO, 2011, p. 9).

Convencidos de que caçariam a onça, a turma do Sítio foi ao Capoeirão, cada um com sua arma em punho: Narizinho com uma faca, Visconde com o seu sabre de arco de barril, Emília com um espeto de assar frango, Pedrinho com sua espingarda e Rabicó com um

canhão. Atacada por todos os lados, a onça não teve salvação e morreu. Ao levarem à onça até a casa de Dona Benta, as crianças assustaram a vovó e também a Tia Nastácia, que mal acreditavam no que estavam testemunhando.

Após a caçada, os bichos da floresta passaram a sentir muito medo dos netos de Dona Benta, pois começaram a acreditar que, se eles foram capazes de matar uma onça, um animal tão feroz, poderiam, também, matar qualquer um deles, a qualquer momento. Movidos pela preocupação, os habitantes da mata organizaram uma reunião para discutirem as medidas que deveriam ser tomadas depois do ocorrido. Dessa forma, decidiram declarar guerra ao Sítio e atacá-lo em data determinada.

Os animais não contavam com a astúcia da Emília. A boneca possuía dois espiões infiltrados na mata, se tratava dos seus dois amigos, os besouros cascudos. Sabendo do plano dos bichos, os pequenos voadores disseram tudo para a boneca que, rapidamente, bolou um plano para que a expedição comandada pelas onças não desse certo. Convocou Pedrinho, Narizinho, Visconde e Rabicó para organizarem um contra-ataque sem que Dona Benta e Tia Nastácia soubessem.

Para escapar das onças raivosas, Pedrinho teve a brilhante ideia de fazer pernas de pau de bambu para todos os habitantes do Sítio e nelas passar sebo, pois, dessa forma, nenhuma onça seria capaz de alcançá-los. Quando os animais chegaram ao Sítio, todos já estavam em suas devidas pernas de pau, menos Tia Nastácia, que não acreditou no ataque e precisou trepar no mastro às pressas. Quando a boa cozinheira já não aguentava mais ficar pendurada, Emília, em outro golpe de inteligência arremessou granadas de vespas na direção das onças e elas desabaram, correndo loucamente.

Finalizando o resumo dessa primeira parte da narrativa, podemos perceber a quantidade de elementos fantasiosos que permeiam a obra. Só na imaginação, crianças comuns poderiam enfrentar bichos de toda espécie e de todo porte que se possa imaginar.

A segunda parte da obra fala sobre um rinoceronte que fugiu do Circo de Cavalinhos, que estava a se apresentar no Rio de Janeiro, e foi parar na Mata dos Taquaraçus, perto do Sítio do Picapau Amarelo. E, como se não bastasse, também foi capturado pelas crianças do Sítio, que fizeram de tudo para que o quadrúpede, de nome Quindim, passasse a morar com eles.

Outra vez ajudada pelos seus besouros cascudos, que tudo sabem a respeito da floresta, Emília passa a saber da existência de um bicho africano, preto e grande na mata próxima ao Sítio. Quando vê a notícia de que um rinoceronte fugiu do circo, a boneca esperta imediatamente liga os fatos e tem a certeza de que o bicho do qual os besouros falaram é o

rinoceronte fugido. Querendo tirar vantagem da descoberta, Emília vai conversar com Pedrinho para que ele lhe troque o seu carrinho de cabrito pelo rinoceronte. O menino não titubeia e faz a troca imediatamente.

A partir daí, os meninos foram avisar a Dona Benta sobre a descoberta, esta que ficou sem caber em si de tanto medo. Depois de constatar que o que Pedrinho havia dito era verdade, a vovó avisou às autoridades do Rio de Janeiro que o bicho que eles tanto procuravam se encontrava perto de suas terras. Na manhã seguinte veio a resposta de que as forças armadas seguiriam para o Sítio à captura do rinoceronte.

No outro dia, ao se levantar e abrir a porta, Tia Nastácia se deparou com a fera atravessada na porteira do Sítio, a velha desmaiou de tanto medo. Logo após o acontecido os “Caçadores de Rinoceronte” mandados pelas forças armadas chegaram e deram de cara com o paquiderme. Assim, os responsáveis pela apreensão do bicho começaram a planejar uma forma de pegá-lo sem grandes estragos. Foram semanas de tentativas, sem êxito.

Emília, já afeiçoada por Quindim, trocou a pólvora do canhão das forças armadas por farinha de mandioca e fez uma proposta ao paquiderme: para que ele não fosse morto: ele deveria chifrar todos os caçadores, que estariam distintos dos moradores do Sítio por não estarem usando rodela de casca de laranja no peito, com exceção de Tia Nastácia que, sempre questionadora, não quis usar as rodela. Depois que o canhão explodiu de tanta farinha, Quindim saiu atacando todos aqueles sem rodela de casca de laranja no peito, inclusive Tia Nastácia, que terminou bem.

Saídos os caçadores de rinoceronte do Sítio, Quindim passou a ser o mais novo habitante daquele lugar. Começou a brincar com os meninos e levar uma vida feliz ao lado de quem realmente lhe queria bem. Só que ele não contava com a visita do senhor Müller, o seu dono que havia ido buscá-lo. Depois de muitas argumentações por parte do dono de Quindim, Emília tomou uma atitude drástica: fez o homem engolir um pouco do seu pó de pirlimpimpim, o que não deu outra, o homem sumiu como em um rastilho de pólvora. A partir daí, todos do Sítio ficaram felizes com o seu novo inquilino. “A vitória da Emília foi saudada com berros e palmas. Até o rinoceronte aplaudiu com urros, contentíssimo do feliz desfecho do incidente”. (LOBATO, 2011g, p. 71).

## 2.4 ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

As discussões políticas e pedagógicas relacionadas ao contexto racial que permeia a obra *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, são bastante relevantes, se analisadas do



ponto de vista do contexto atual brasileiro, o qual adota uma política pública de estado antirracista. A Constituição Federal de 1988 prevê no seu artigo 5º, inciso XLII que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. (CF, 1988, p. 15).

Diante da conjuntura apresentada, várias são as discussões e as interpretações que podem e devem ser feitas a respeito da obra em questão. O contexto histórico e social da obra, as prováveis reproduções negativas sobre a cultura popular e sobre o próprio negro não se referem a trechos isolados e carecem, portanto, de ser analisados como um todo. Os estereótipos raciais precisam ser apreendidos como parte do processo democrático, este que incentiva o debate público e o exercício do controle social da educação.

Monteiro Lobato ficou conhecido pelo conjunto de sua obra de livros infantis, que constitui a metade da sua produção literária e é bastante conhecido entre as crianças, pois se voltou para um estilo de escrita com linguagem simples, em que a realidade e a fantasia caminham lado a lado. Pode-se afirmar que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil. “A fé de Lobato na criança repousa na constatação de que ela não foi totalmente deformada pelo meio e, por isso, ainda conserva o crédito nas mudanças.” (MELLO, 1995, p. 64).

Muitos autores e críticos divergem acerca da questão racial que permeia essa obra: alguns afirmam que Lobato era um homem do seu tempo, portanto, seus personagens fazem refletir sobre a realidade do Brasil, usando humor e ironia; outros afirmam que esses personagens possuem, de fato, vozes que fazem apologia ao racismo. O estreitamento de laços entre o leitor e a obra lobatiana nos mostra que

Tia Nastácia detém o saber popular, conhece as histórias passadas de boca em boca durante séculos, sabe os segredos das receitas de família, é uma representante fiel de um Brasil à margem da escolarização e dos livros, mas nem por isso inferior ou desprezível. O próprio Lobato esclarece que sua imagem e seu nome são de uma ama de sua própria casa, tão antiga e estimada quanto a Nastácia do Sítio. (SILVA, 1995, p. 97).

Alguns fragmentos que entoam nomes de bichos podem ser encontrados no decorrer da leitura, mas não necessariamente fazendo referência apenas a Tia Nastácia, como bem aponta a discussão iniciada entre o solicitante do processo, Antônio Gomes Costa Neto e o Conselho Nacional de Educação. O narrador compara vários personagens a macacos, sem distinção de cor. Dessa forma, podemos perceber como uma interpretação mal feita pode acarretar em erro. Tanto as crianças, quanto Tia Nastácia são assim denominados em algum momento da narrativa. Percebemos que essa é uma adjetivação comum do narrador. Deste

modo, vê-se como problema o chamamento em relação à Tia Nastácia, mas quanto aos meninos é normal. Qual é o parâmetro de análise utilizado? Apenas a cor da pele? São questionamentos a serem pensados.

O narrador compara a macacos até mesmo as crianças que compõem a obra. Diante desses fatos, se faz necessário um questionamento: será que mesmo um grande escritor seria capaz de se desvincular das ideias e da sociedade do seu tempo em um ato de independência? Lobato era, ao mesmo tempo, um escritor muito independente e tradicionalista, o que poderia perturbar o entendimento de certos leitores sobre a significação referente à sua obra.

Lobato fez parte de um contexto em que se combatia fortemente a presença do negro na sociedade e o hibridismo, ou seja, a mistura de raças, pois, segundo a crença daquele momento, atos como esses seriam nocivos à civilização. O autor foi influenciado por teorias científicas como o positivismo, o evolucionismo e o naturalismo. Ideias como essas foram importadas da Europa e se fixaram no pensamento de muitos intelectuais denominados homens de ciência. Conforme Schwarcz (1993) esses intelectuais foram filhos do seu tempo e utilizavam o equipamento científico que possuíam. A confiança cega na ciência lhes possibilitava prever um futuro, uma nação desconhecida.

A relação com a empregada doméstica negra, Tia Nastácia, é prototípica do que era socialmente aceitável no Brasil da infância de Lobato, que, nascendo numa zona rural, em 1882, conheceu escravos e ex-escravos. Emília é a que verbaliza isso com mais frequência; mas o tipo de relação está presente com naturalidade nos comentários dos demais personagens. (PENTEADO, 2011, p. 209).

Os fragmentos a serem demonstrados confirmam essa questão relacionada aos tratamentos por nomes de bichos. As crianças do Sítio fugindo em debandada, com medo da onça que estavam a caçar, “(...) como se houvessem virado macacos, (...) procuraram a salvação nas árvores”. (LOBATO, 2011g, p. 16). Ao pregar uma peça na onça-pintada, a molecada vai ao seu encontro e Pedrinho grita: “- É hora! Avança macacada!” (LOBATO, 2011g,p. 17). Ainda nos referindo à utilização do termo “macaco”, possuímos outra passagem, onde a capivara destrata um bugio por causa de uma ideia apresentada por ele para que consigam escapar da fúria dos netos de Dona Benta: “- Imbecil! Resmungou a capivara, furiosa de tamanha asneira. – Não é à toa que os macacos parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens”. (LOBATO, 2011g, p. 23).

Em comparação os termos evidenciados acima, traremos agora trechos em que Tia Nastácia também é comparada a macacos. Entre tantas outras passagens, uma das que chamou

mais a atenção dos ativistas raciais foi devido ao tratamento destinado à cozinheira do Sítio que fala que “(...) Tia Nastácia, esquecidas de seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecida nunca ter feito outra coisa na vida a não ser trepar em mastros”. (LOBATO, 2011g, p. 39).

Vendo os tratamentos designados, tanto às crianças e aos homens, quanto a Tia Nastácia, podemos inferir que, o fato de ela ser chamada de macaca, nada tem a ver com a cor de sua pele, já que Narizinho, Emília, Visconde e Rabicó também são assim apelidados pelo próprio Pedrinho. O que se percebe, é que o autor tem como um tipo de costume incluir esses chamamentos em sua obra, visto que o termo aparece em mais de uma passagem.

Quanto à denominação “de carvão”, outra discussão merece ser iniciada, pois trata claramente da cor da pele de Tia Nastácia. Segundo Mussa (2008), escrever para criança é uma coisa muito séria. Em relação ao universo infantil, a obra de Lobato é genial, mas peca por algumas opiniões, erra numa matéria em que ninguém mais no Brasil poderia errar. É compreensível que alguns leitores se sintam desconfortáveis com passagens como essa, no entanto, devemos tentar discernir que o contexto de elaboração dessa obra era próximo do fim da escravidão, o Brasil estava quase que cegamente voltado aos temas raciais. Falava-se a favor do branqueamento da nação.

Penteado (2011) afirma que “Hoje, a maior parte das histórias fantásticas ou de aventuras ocorridas na virada do século XIX para o século XX tende a ser considerada demasiadamente racista, sexista ou autoritária – crítica a que não escapam os próprios textos de Lobato”. (p. 123). Como vemos, não são considerados preconceituosos só os escritos do autor em questão. Há todo um grupo de textos, dessa mesma época, que também foi apontado por críticos, o que prova mais uma vez que esse impasse é em relação ao que se compunha naquele momento da nossa história. Trata-se histórias que traziam muito da sua época de elaboração, ou seja, não seria possível negar aquele momento com golpe de desprendimento, de independência. Nós somos frutos do meio em que habitamos.

A constante lembrança da cor de Tia Nastácia, como ela ser chamada de “boa negra” ou “pobre negra”, é o que entra em discussão. O narrador consideraria, de fato, a cozinheira como um ser inferior pela cor escura da sua pele ou ele estaria apenas levando a realidade para dentro dos seus escritos? O racismo brasileiro é dissimulado, existe, mas não se mostra tão presente. Valente (1994) faz o seguinte questionamento: “Se as pessoas aceitassem as diferenças sem tomá-las como sinônimo de inferioridade ou admitissem seu próprio racismo e refletissem objetivamente sobre ele, já não teriam sido dados alguns passos na direção de uma solução?”. (p. 8). Lobato não está errado em trazer um fato concreto para a sua literatura. Não

há porque negar a existência do racismo, ele existe. É constatando o problema que se pode buscar a solução do mesmo.

Tia Nastácia pode ser vista como uma personagem que representa a marginalização pela qual passavam os negros naquele momento e Lobato quis exteriorizar essa realidade. Por outro lado, o autor era adepto da teoria da superioridade racial, por isso decidira criar uma personagem negra que é lembrada pela cor de sua pele.

Apesar do reconhecimento de que Tia Nastácia é “pobre” e “analfabeta”, não lhe são proporcionadas chances de ascensão social. (...) Certo racismo e a noção da superioridade da raça aparecem em relação a outros personagens e situações. Em *Geografia de Dona Benta*, por exemplo, Dona Benta não permite que as crianças tragam um bebê esquimó com eles dizendo que é para que o Sítio não vire um “jardim zoológico”. (PENTEADO, 2011, p. 209-210).

Lobato compartilhou dos pensamentos que circulavam no período em que viveu. O fato é que todo indivíduo acaba por absorver as ideias vinculadas no seu tempo e isso, por si só, pode estar presente em qualquer obra. Entre outras passagens do livro, há como comprovar essa afirmação pelos títulos destinados aos personagens: Rabicó era um marquês; o boneco nascido de uma espiga de milho, um visconde. Esses títulos eram atribuídos aos nobres do Brasil Império, por volta do século XIX.

Em outro trecho, ainda falando sobre a guerra que os bichos da floresta travariam contra os moradores do Sítio, Emília afirma: “- É guerra das boas! Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta”. (LOBATO, 2011g, p. 26). Refletindo sobre as falas da boneca, Pereira (2010) faz a seguinte consideração:

o racismo percebido no Sítio não evidenciaria sinal de malcriação da Emília quando se indis põe contra Nastácia, ao se sentir contrariada? Xingá-la de “negra beijuda” demonstrava mesmo racismo? Emília sabia o que era isso? Mas ela não era o alter-ego do escritor? A boneca também chamava Pedrinho de “cara de coruja seca” e de “bife malpassado” um almirante inglês em visita ao Sítio. Não têm a mesma origem tais epítetos? (PEREIRA, 2010, p. 307).

A verdade é que Emília e Tia Nastácia sempre tiveram suas divergências. A boneca, indiscutivelmente, é muito desaforada, enquanto a cozinheira do Sítio estava sempre pronta para questionar tudo aquilo que Emília propunha. Quando a boneca lhe deu a ideia de usar as pernas de pau para escapar das onças-pintadas, Tia Nastácia desdenha: “Isso há de ser

imaginação dessas crianças, refletia para si. Os diabretes vivem com a cabeça quente e inventam coisas para atormentar os mais velhos. Não acredito”. (LOBATO, 2011g, p. 35).

Quando Emília tem a ideia de fazer todos do Sítio usarem rodela de casca de laranja no peito, Tia Nastácia questiona o que foi proposto. Emília, furiosa dispara: “Ah, não quer? (...) Sua alma, sua palma, depois não se queixe – e deixou-a sem rodela no peito”. (LOBATO, 2011g, p. 63). Tia Nastácia pagou o preço por contrariar Emília, precisou sair correndo para se esconder do paquiderme.

Há, ainda, passagens em que Tia Nastácia e Emília parecem esquecer as diferenças. De longe, ouve-se um grito: “Socorro! – berrou num tom de cortar a alma a pobre Tia Nastácia, que não podendo aguentar-se no mastro vinha escorregando lentamente”. (LOBATO, 2011g, p. 40). Ao perceber que a boa senhora não estava mais aguentando a situação, “Emília não esperou pela resposta às suas condições, aproximou-se do telhado, tomou as granadas e – *zás!* – arremessou-as contra o bando de feras”. (LOBATO, 2011g, p. 40). A boneca salva a vida de Nastácia.

Tratando-se novamente do cunho racial que permeia a obra, mostraremos outro fragmento, dessa vez, dito por uma das onças que atacaram o Sítio. “O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não aguenta mais e vai descer”. (LOBATO, 2011g, p. 40). Furrundu é um doce feito de mamão e rapadura que possui cor escura. A onça compara o doce a Tia Nastácia por conta da cor de ambos. Penteado (1997, p. 233) admite que “(...) um certo “racismo” e a noção de superioridade da raça branca aparecem, em relação a outros personagens e situações”.

Depois de ter salvado a vida dos habitantes do Sítio, Emília pede uma recompensa a cada um. Dona Benta lhe dá um regadorzinho, Pedrinho uns tostões, Narizinho uma mobília de boneca e Cléo um beijo. Após as gratificações, a boneca se volta para Tia Nastácia e pergunta: “E você, pretura?” (LOBATO, 2011g, p. 41). Mais uma vez, a pequena insulta a idosa. Em resposta, Tia Nastácia lhe fala: “Você me salvou a vida, Emília, e não há o que pague semelhante coisa. Dou tudo quanto me pedir”. (LOBATO, 2011g, p. 41). Para Belinky (1982),

Lobato era realista. Assim, não podia exigir da boneca (que depois vira gente) uma cortesia paciente em momentos de destempero verbal, fruto da raiva por ver-se contrariada. Aliás, o escritor não exigia isso de ninguém. Parece sintomático também insurgir-se contra a “mãe”, quem a criou. A criança sempre escolhe, para lhe servir de insulto, uma característica que salta aos olhos, até exagerando-a ou ridicularizando-a.

Mesmo com as diferenças existentes entre as duas, ambas demonstram nutrir um sentimento de afeto uma pela outra. Emília deseja que tudo seja do jeito que ela planeja, Tia Nastácia é questionadora, principalmente em relação às ideias da boneca e, dessa forma, elas vivem travando discussões. É certo que, na verdade, elas são muito parecidas em suas falas, respeitando suas devidas diferenças. O fato de discutirem em várias ocasiões, se assemelha a entaves entre mãe e filha, já que a pequena falante é criação da cozinheira.

Mesmo que se ressalte tanto a cor de Tia Nastácia, mesmo com as malcriações de Emília, nós podemos enxergar um cunho contrastante de muito bom humor. Ao avançarmos na leitura, vemos motivos para boas risadas com as falas dessas duas, já que vivem se confrontando. Ademais, para a época em que Monteiro Lobato viveu, onde o negro não era civilizado, mas visto como a parte doente de toda uma sociedade, não vemos nessa obra vestígios graves de racismo. Há sim, referências à raça negra, mas não desrespeito, desdém.

(...) em muitas outras passagens o pessoal do Sítio demonstra carinho com o ser humano Tia Nastácia, apesar de sua cor... O enredo de um livro inteiro – *O Minotauro* – acontece porque Tia Nastácia foi raptada durante a invasão dos monstros mitológicos ao Sítio, e o grupo precisa resgatá-la. (PENTEADO, 2011, p. 210).

As teorias desenvolvidas antes da elaboração dessa obra têm conteúdos seríssimos e mais do que isso, tristes em relação ao futuro do negro no Brasil. “Na ótica médica, o objetivo era curar um país enfermo, tendo como base um projeto médico-eugênico, amputando a parte gangrenada do país, para que restasse uma população de possível “perfectibilidade””. (SCHWARCZ, 1993, p. 249). A partir da miscigenação se justificava a degeneração, a criminalidade, a loucura. Eram ideias que excluía completamente as pessoas de pele escura da sociedade.

A cor de Tia Nastácia está sempre sendo lembrada. No trecho que segue, vemos novamente o narrador evidenciar a sua raça: “Desmaio de negra velha é dos mais rijos”. (LOBATO, 2011g, p. 55). Qual seria a ligação existente entre a cor que alguém possui e a severidade do seu desmaio? “Nascido em 1882, Lobato fora educado em um meio acadêmico permeado de doutrinas racistas, como o determinismo evolucionista e o darwinismo social; e por isso ele não poderia ter escapado a tais correntes de pensamento”. (CORREDOR, 2007, p. 8).

O último fragmento que merece ênfase ocorre quando Tia Nastácia vai passear no carrinho puxado por Quindim. Dona Benta volta para continuar o seu passeio, quando percebe que a cozinheira está no seu lugar. Quando vê a avó das crianças se aproximar, Tia Nastácia

pronuncia: “- Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou a minha vez. Negro também é gente, Sinhá”. (LOBATO, 2011g, p. 71). Segundo Valente (1959), os negros não eram considerados seres humanos e essa noção está presente no discurso de Tia Nastácia. O tratamento “sinhá” era utilizado pelos escravos para se dirigirem aos seus senhores.

Tia Nastácia foi escrava de Dona Benta quando jovem e, liberta, passa a ser sua empregada – fenômeno muito comum, no final do século XIX, nas famílias que Lobato conheceu como criança, inclusive a sua própria. (...) Lobato inspirou-se numa babá de seu filho Edgard, de nome Nastácia, para batizar o seu personagem – inquestionavelmente familiar às gerações que leram as principais edições de seus livros. Tia Nastácia tem aproximadamente a mesma idade de Dona Benta – o que a identifica com a patroa nos momentos de tensão ou perigo e a torna o alvo predileto dos comentários críticos de Emília, hoje considerados racismo. (PENTEADO, 2011, p. 191).

Órgãos como os Museus Etnográficos Brasileiros, Institutos Históricos e Geográficos, Faculdades de Direito e Faculdades de Medicina defendiam o fato de o negro ser um impedimento à civilização branca, de ser uma comprovação da inferioridade de um povo. A partir da década de 1870, os estudos dos chamados homens de ciência eram destinados quase unicamente ao demérito dos negros que viviam no Brasil. “Era por meio da medicina legal que se comprovava a especificidade da situação ou as possibilidades de uma “sciencia brasileira” que se detivesse nos casos de degeneração racial”. (SCHWARCZ, 1993, p. 277).

Nesse momento da nossa história, o “inteligente” era mesmo ver o negro como inferior e apoiar essas teorias eugênicas. É muito relevante a quantidade de intelectuais que aderiram a essas máximas.

Saudada pelos cientistas estrangeiros como fenômeno desconhecido e recente, a miscigenação do país tornava-se, nesse momento, um tema polêmico também entre as elites intelectuais locais. Consumidores da literatura que vinha da Europa e da América do Norte, esses grupos tomam a questão da raça quase como uma obsessão, como suporte para uma produção nacional e específica. (SCHWARCZ, 1993, p. 313).

Em um contexto de descobrimento da nação, africanos e mestiços pareciam um empecilho ao desenvolvimento do Brasil, ao aparato da civilização. O não afastamento desses povos indesejáveis acarretaria em uma grande barreira à formação de uma verdadeira identidade nacional. De acordo com algumas teorias científicas, seria a raça capaz de determinar o futuro do nosso povo e, conseqüentemente, da nossa nação.

Baseando-nos nesses fatos, vemos que a discussão racial presente na obra *Caçadas de Pedrinho* é muito mais abrangente do que imaginamos. Quando se analisa todo o contexto em que Lobato compôs, a leitura é percebida com outros olhos; no entanto, outros trechos ainda não foram completamente elucidados. Faremos outras considerações posteriormente, a fim de chegarmos a um consenso sobre o assunto, já que não se devem considerar fatos isolados na construção da identidade do narrador que está por trás de Monteiro Lobato.

## 2.5 A PRESENÇA DOS BICHOS NA NARRATIVA

Assim como toda a obra infantil de Lobato, *Caçadas de Pedrinho* possui um conteúdo fantástico muito presente no desenrolar da história. Entre outras coisas, a fantasia ocorre, principalmente, através dos muitos bichos presentes na narrativa, esses que são capazes de falar, raciocinar e fazer tudo aquilo que um humano é capaz de fazer. Fatos como esses são capazes de chamar, e muito, a atenção das crianças, que conseguem se desvirtuar um pouco do mundo real e mergulhar nessa incrível aventura.

O próprio enredo da narrativa conta uma história fantástica: a caça de dois bichos ferocíssimos por parte de crianças que moravam no Sítio do Picapau Amarelo. A facilidade e o manejo que eles têm na caça da onça são feitos que, possivelmente, nenhum adulto desempenharia. Para Rocha (apud LAJOLO; CECCANTINI, 2008) “São esses os heróis que matam a onça e, talvez, concretizam de forma ficcional um antigo sonho do escritor, conforme carta de 16.06.1907 a Purezinha, sua futura esposa, quando ainda era promotor de Direito na cidade de Areias, São Paulo”. (p. 237).

A manobra para salvar a vida de Quindim e fazê-lo morar no Sítio, então, é algo que necessita de uma inteligência considerável. As crianças conseguem até distrair as Forças Armadas e lhes pregarem uma peça. O rinoceronte passa a ser, depois do ocorrido, mais um morador das terras de Dona Benta. Esses fatos instigam a leitura dos pequenos e lhes criam a expectativa de poderem fazer o mesmo, já que ingressam no universo lobatiano a veem que lá tudo é possível.

Quando as crianças decidem caçar a onça, elas dispõem apenas de material “artesanal”: uma faca de cortar pão, um sabre de aço de barril, um espeto de assar frango, uma espingarda de chumbinho e um pequeno canhão. Só pelo porte das armas, poderíamos inferir que seria de muita dificuldade a concretização dessa caçada. Depois de matarem a onça-pintada, as crianças ainda a amarraram e colocaram em um carrinho para levarem até o Sítio e fazerem um tapete com o seu pelo.



Depois que a onça é capturada, os animais da Mata dos Taquaraçus organizam uma reunião para discutir que medida deve ser tomada a partir do que aconteceu. Os bichos raciocinam como qualquer ser humano, além de poderem falar, é claro. A capivara, quando recebe a notícia raciocina:

“A situação é bastante grave – disse por fim o animalão, depois de muito pensar e repensar. Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembleia de todos os bichos para tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança”. (LOBATO, 2011g, p. 21).

A moradora da floresta vê, então, um gavião perseguindo dois bem-te-vis e pede que parem com a briga, pois deveriam avisar ao restante dos animais que comparecessem à assembleia que ocorreria debaixo da Figueira Brava. Depois de muita discussão, decidiram por pagarem na mesma moeda, declarando guerra ao Sítio.

- Amor com amor se paga, disse uma jaguatirica. – Matando a nossa rainha, esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao Sítio de Dona Benta. (LOBATO, 2011g, p. 23).

Como podemos intuir na fala dos animais, na narrativa eles tem voz, pensam, possuem uma grande capacidade de raciocínio. Os bichos são capazes de enfrentar as pessoas do Sítio de acordo com um plano criado por eles mesmos. É algo que vai muito além da imaginação de qualquer pessoa. Como se não bastasse boneca e espiga de milho ganharem vida no Sítio, os animais também se comportam como gente.

A fantasia representa os nossos desejos, a forma que possuímos de abstrair e sairmos, mesmo por histórias, do mundo em que habitamos. O mundo subjetivo, fantástico surge das nossas necessidades e aspirações mais profundas. No entanto, ele só existe em relação à realidade que nos cerca, pois só através do real é que nós podemos definir o irreal. Para Mello (1995) “Inerte diante da desgraça que assola o mundo, Monteiro Lobato tem na palavra a sua única ação contra o caos em que o ser humano se vê mergulhado. Através da fantasia, ele recria o mundo e inverte os seus valores.” (p. 59).

Entre outros animais que participam da narrativa, não poderíamos deixar de lembrar do Marquês de Rabicó, um porco amigo da turma do Sítio que, mesmo sendo muito medroso, compactua com as aventuras dos meninos. Pelo próprio título que o porco recebe, vemos a importância dada a ele através de um tratamento que era destinado aos nobres que faziam

parte do sistema monárquico da Europa. Rabicó é casado com Emília, a sua marquesa. Na verdade, o título é criado pela própria boneca, com o intuito de se sentir importante.

Rabicó vive rondando a cozinha de Tia Nastácia em busca de comida, o que deixa a cozinheira sempre com muita raiva. Além do mais, sente grandes dificuldades de acompanhar Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde na caça à onça, pois mal se aguenta em cima das pernas de tanto medo. Pedrinho, sem dúvida o mais corajoso, deixa o marquês responsável pelo canhãozinho, ele deveria disparar a bala.

Pedrinho dispôs tudo para o ataque. Assetou na direção da moita o canhãozinho e ordenou ao artilheiro Rabicó, enquanto o destrelava: - Fique nesta posição. Quando ouvir a voz de “Fogo!”, risque um fósforo, acenda a mecha e dispare. – Disparo para casa? – perguntou o artilheiro, mais trêmulo do que uma fatia de manjar-branco. – Dispare o canhão, idiota! – berrou Pedrinho. (LOBATO, 2011g, p. 15-16).

A figura do Marquês de Rabicó é cômica e ao mesmo tempo paradoxal. Primeiro pelo fato de um porco receber um título tão nobre; segundo, por esse porco ser extremamente covarde, quando a função de um marquês é justamente a de defender e administrar as fronteiras do marquesado. São ocorrências como essa que nos chamam a atenção para a narrativa, pois o autor não se respeita limites ou veracidades, tudo é possível de acontecer.

Ainda, dois pequenos habitantes da mata chamam a nossa atenção pela sua inteligência, são os besouros amigos da Emília. Os dois cascudos são capazes de espiar a assembleia das onças e passarem toda a informação para a boneca. É por causa da competência deles que ela tem uma ideia a tempo para salvar o Sítio do ataque. Para Held (1980) “Se o animismo infantil personifica a pedra, a planta, o astro, o objeto inerte fabricado pelo próprio homem, sua predileção – isso foi dito muitas vezes – é pelo animal: sonho longínquo, sonho ancestral de fundir-se com ele”. (p. 105).

Nesse sentido, as habilidades humanas se fundem aos besouros, já que eles se comportam como pessoas em corpo de insetos. As crianças se sentem muito próximas aos animais, querem fazer parte da vida deles e trazê-los para sua própria vida. Numa sociedade onde os pais estão cada vez mais ausentes, devido ao trabalho, as crianças encontram nos bichos uma companhia, alguém com quem conversar. Por isso histórias que contém animais como personagens falantes, donos de si, chamam tanto a atenção dos pequenos.

Quindim também merece atenção especial. É um bicho manso, que gosta apenas de pastar e conversar com Emília. Ao se tornar amiga do paquiderme, a boneca o deixa alerta para a possibilidade de ele ser caçado e morto pelas Forças Armadas. Percebendo que isso iria

mesmo acontecer, o rinoceronte se une à pequena para enganar os caçadores e, assim, poder morar no Sítio, onde ele seria livre. Emília e Quindim bolam juntos um plano e o animal, assim como a maioria presente na narrativa, raciocina tal como um humano, o que o faz conseguir o êxito esperado, pois coloca os caçadores para correr.

Segundo Held (1980) “(...) geralmente as relações de tamanho (grande-pequeno, e também gordo-magro) despertam na criança ressonâncias infinitas”. (p. 113). A autora pontua ainda que

se o animal humanizado permite à criança, na maioria das vezes, libertar-se ao encontrar ou projetar seus desejos e temores pessoais frente à sociedade adulta organizada, é também, em muitos casos, ocasião e suporte que permite transpor, simbolicamente, certo número de situações da vida familiar, especialmente a situação de aprendizagem que sempre a fascina. (HELD, 1980, p. 109).

A narrativa *Caçadas de Pedrinho* é um universo fantástico onde muitas crianças se sentiriam felizes em habitar. Elas sentem necessidade de ouvir mitos, situações imaginárias para atingirem o real equilíbrio. Os pequenos depositam nos animais, nos seres fantásticos suas vontades de poderem fazer o que bem entendem. A criança se projeta nesses seres. Cada animal possui uma representação diferente. Para Held (1980), o hipopótamo, por exemplo, representa a deliciosa liberdade de se sujar.

As crianças se sentem mais fascinadas em se projetar nos animais do que nos adultos, pois os primeiros podem fazer tudo o que querem; os segundos não, já que estão presos às convenções sociais. Dialogar com os animais, buscar compreendê-los faz parte do encanto indispensável das histórias fantásticas. No mais, “Analisar as razões psicológicas, psicanalíticas, sociais, que explicam tal persistência de temas, nos levaria muito longe e seria tarefa infinita”. (HELD, 1980, p. 106).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a obra infantil de Monteiro Lobato vai muito além de um ofício, é mais um prazer. Por vezes nos vemos dentro das narrativas, correndo pelo verde da Mata do Capoeirão com Pedrinho, Narizinho e Emília. Sentimo-nos como crianças traquinas que podem tudo e, há, lá no fundo, um pouco de inveja em nutrirmos esse sentimento só na imaginação. Quem não desejou, do fundo do coração, ao menos uma vez ter um pouquinho daquele pó de pirlimpimpim? Lobato coloriu a infância de modo tão peculiar que transcende os efeitos do tempo.

Quem teve contato com os livros infantis de Monteiro Lobato viu que a capacidade inventiva do autor é pautada em aspectos fantásticos. Até muito tempo, nunca se tinha ouvido falar em outro tema predominante que não fosse esse. De tão famosas, as narrativas viraram programa de televisão e ficaram cada vez mais próximas da criançada. Diversas gerações conheceram esses escritos e isso, por si só, prova a qualidade que possui os mesmos, pois, caso contrário, não teriam resistido ao passar dos anos.

Quando apareceu a hipótese de haver conteúdo racial na obra lobatiana, principalmente em *Caçadas de Pedrinho*, tivemos o ímpeto de averiguar essa estória e constatar a veracidade da acusação, pois se falava em banir a leitura das escolas do Distrito Federal e se isso acontecesse, seria possível que a mesma atitude percorresse outros setores da educação brasileira. Para não incorrer no erro de defender uma questão sem se aprofundar na mesma, demos início a esse estudo e, só assim, poderíamos ter uma dimensão exata do que realmente aconteceu.

Este trabalho buscou mostrar de forma equilibrada os conteúdos presentes nas narrativas que compõem a saga do Sítio do Picapau Amarelo, procurando revelar os temas mais predominantes e, só assim, poder confrontá-los com a questão racial que agora é demonstrada e questionada. Analisamos cada trecho que poderia ser interpretado como algo que contivesse racismo e percebemos que não se tratava apenas de um estudo superficial, mas de uma investigação mais abrangente.

Tivemos em Schwarcz (1993) e Valente (1994) a contextualização necessária sobre a época em que Lobato escreveu. Acontecia, nesse momento uma efervescência de pensamentos raciais, a maioria deles contra a raça negra. Para muitos intelectuais a miscigenação era capaz de destruir o futuro promissor da nação, pois, segundo eles, os negros eram inferiores aos brancos e a mistura de ambos traria ao mundo seres igualmente

rebaixados. Havia pouco tempo que a escravidão tinha sido abolida e os afrodescendentes não recebiam nenhum tipo de respeito, eram encarados como animais.

O que foi descrito já poderia justificar algumas expressões utilizadas por Lobato. Quem tinha a pele escura realmente era chamado de negro. Simplificando o caso, isso não deveria ser motivo de constrangimento, visto que trata apenas da cor da pele, mas esse adjetivo teve muitos sinônimos pejorativos associados a ele e é esse o grande problema. O racismo no Brasil é dissimulado, não é assumido. Há quem repudie essa prática teoricamente falando, mas quando se trata de ações de combate a ela, todos ficam inertes.

Como pudemos constatar ao longo desta pesquisa, Tia Nastácia foi escrava e, com a abolição, passou a ser empregada doméstica de Dona Benta, pessoa que sempre a respeitou como alguém que fosse da família. O fato de a cozinheira tratar a patroa por “sinhá” retrata um costume utilizado pelos escravos, era assim que eles tratavam seus senhores. Por que exigir que Tia Nastácia se comportasse de outro modo, se foi assim que ela aprendeu, durante toda a sua vida, a se comportar? Não há necessidade disso, ela é filha do seu tempo.

Sim, mas Emília xinga Tia Nastácia de negra beijuda. Isso é errado? Ela também não xinga Emília de diaba e tantas outras coisas? Emília é um serzinho que não tem respeito por ninguém, isso não acontece só com Tia Nastácia. Ela engana a todos em prol de realizar seus objetivos, é dona da sua vida. Por que não tratar Tia Nastácia por negra, se é a cor de sua pele? Tentar esconder este fato contribui no combate ao racismo? Não. O que se faz necessário é contextualizar as obras lobatianas e proporcionar aos leitores uma visão mais ampla dos acontecimentos históricos. Assim não haverá mal entendidos.

Tia Nastácia é um ser humano questionador. Ela, assim como Dona Benta, cai nas travessuras das crianças e isso não as diminui, pelo contrário, atribui um tom cômico à narrativa. A história é mesmo dos meninos, eles é quem podem e fazem tudo acontecer. Não devemos analisar a obra pela ótica do politicamente correto, pois há muito a ser explorado. O que acontece com Tia Nastácia não é racismo, são comportamentos comuns à época. Ela é chamada de negra porque isso era usual: negro era chamado de negro e, no caso dela, nenhum personagem a denomina assim por desrespeito, a não ser em momentos de destempero verbal, pelos quais todos nós passamos.

Fala-se muito no fato de Dona Benta ser sábia e Tia Nastácia só entender de assuntos ligados à cozinha. Ora, Dona Benta era a sinhazinha, filha de fazendeiros, estudou. Tia Nastácia, como já dissemos, era escrava, filha de escravos, não teve a mesma sorte da patroa. Essas são questões óbvias. Ela não deixa de ser sábia por isso, pois possui a sabedoria da vida, do dia-a-dia. Não dá para comparar seres humanos diferentes, cada uma possui a sua

particularidade. Tia Nastácia, por exemplo, foi quem fez Emília, a personagem mais notória de todas. Ela poderia ser vista como a mãe da boneca, por isso brigam tanto.

Belinky (1982), Corredor (2007), Lajolo (1998), Mussa (2008), Pereira (2010) e Silva (1995) nortearam este estudo do ponto de vista da discussão racial. Eles questionam este fato e argumentam em favor do autor pautando suas falas na conjuntura histórico-social determinante no período de escritura. Devido a isso, é possível compreendermos que Tia Nastácia não é injustiçada, discriminada, mas um ser humano que viveu uma época vergonhosa e dolorosa no nosso país e, como não poderia ser diferente, traz em si traços que relembram esse momento.

Vale mencionar que temos consciência de que os estudos sobre esse tema não param por aqui, pois ainda há uma infinidade de abordagens que devem ser consideradas em trabalhos mais extensos sobre o conjunto de obras infantis de Monteiro Lobato. Na oportunidade, analisamos só uma, mas há muitas pela frente igualmente ricas em trechos e passagens que abordam o cunho racial. As produções literárias deste autor serão sempre terreno fecundo às descobertas. Ansiamos que o que foi discutido aqui abra os horizontes interpretativos dos leitores de Lobato e os levem a compreender os fenômenos aqui citados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINKY, Tatiana. **O racismo de Monteiro Lobato**. O escritor. Jornal da União Brasileira de Escritores. nº 15. São Paulo, maio de 1982.

BOTTEGA, C. **A evolução do divórcio no direito brasileiro e as novas tendências da dissolução matrimonial**. Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá, v. 12, p. 31-36, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

**Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988, art. 5º, p. 15. Brasília: 2012.

CORREDOR, J. A. J. . **A representação do negro na obra infantil de Monteiro Lobato**. In: IV Congresso de Letras UERJ, 2007, São Gonçalo. Anais do IV Congresso da UERJ. São Gonçalo: Botelho Editora, 2007. v. Único. p. 03-68.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda [et al.]. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. 4ª edição ver. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder. As crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. São Paulo: Unicamp, 1998.

LOBATO, Monteiro. **A chave do tamanho**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2ª edição, 2011e.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 3ª edição, 2011f.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 4ª edição, 2011g.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 3ª edição, 2011a.

LOBATO, Monteiro. **O Saci**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2ª edição, 2011c.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2ª edição, 2011d.

LOBATO, Monteiro. **Viagem ao Céu**. Ilustração: Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2ª edição, 2011b.

MELLO, A. M. L. **A chave do tamanho: a instauração de uma nova ordem**. In: Ana Maria Lisboa de Mello; Maria Zaira Turchi; Vera Tietzmann Silva. (org.). **Literatura infanto-juvenil: poesia e prosa**. Goiânia: UFG, 1995, p. 57-66.

MUSSA, Alberto. **Monteiro Lobato racista**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 maio 2008. Ideias e livros.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. 2ª edição. São Paulo: Globo, 2011.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. **O preconceito racial em Monteiro Lobato: uma questão pertinente à realidade e/ou ficção**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luis; MARTHA, Alice Aúrea Penteado. (Org.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010, v. , p. 305-317.

ROCHA, Jaqueline Negrini. **Histórias de caçador, histórias de caçadas**. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (org). **Monteiro Lobato: livro a livro**. São Paulo: UNESP, 2008, p. 237-251.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



SILVA, V. M. T. **Da imaginação à imagem** – O sítio de Lobato na TV. in: Ana Maria Lisboa de Mello; Maria Zaira Turchi; Vera Tietzmann Silva. (org.). **Literatura infanto-juvenil: poesia e prosa**. Goiânia: UFG, 1995, p. 93-105.

SILVA, M. C. ; VELOSO, A. C. S. . **Perfis femininos na Literatura Infantil: uma abordagem histórica e comparativa (1930-1950)**. Mosaico (Goiânia), v. 5, p. 23-31, 2012.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.